

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**ANA CIBELE APARECIDA RAMOS FERNANDES**

**A contribuição do engajamento literário para o desvelamento da realidade  
e crítica da má-fé a partir da filosofia de Jean-Paul Sartre**

**MARINGÁ**

**2022**

**UEM- ANA CIBELE APARECIDA RAMOS FERNANDES**

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENGAJAMENTO LITERÁRIO PARA O DESVELAMENTO DA REALIDADE E CRÍTICA DA MÁ-FÉ A PARTIR DA  
FILOSOFIA DE JEAN-PAUL SARTRE**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**ANA CIBELE APARECIDA RAMOS FERNANDES**

**A contribuição do engajamento literário para o desvelamento da realidade  
e crítica da má-fé a partir da filosofia de Jean-Paul Sartre**

**MARINGÁ**

**2022**

**ANA CIBELE APARECIDA RAMOS FERNANDES**

**A contribuição do engajamento literário para o desvelamento da realidade  
e crítica da má-fé a partir da filosofia de Jean-Paul Sartre**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como condição parcial para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. CRISTIANO PERIUS.

Este exemplar corresponde à versão definitiva da dissertação aprovada perante Banca Examinadora.

**MARINGÁ**

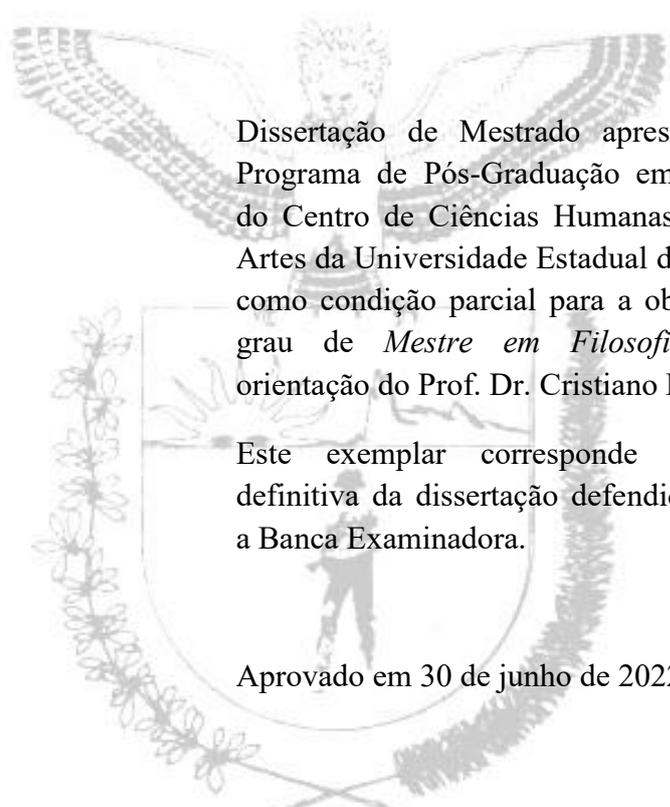
**2022**



Universidade Estadual de Maringá  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

**ANA CIBELE APARECIDA RAMOS FERNANDES**

**“A CONTRIBUIÇÃO DO ENGAJAMENTO LITERÁRIO PARA O DESVELAMENTO DA REALIDADE E CRÍTICA DA MÁ-FÉ A PARTIR DA FILOSOFIA DE JEAN-PAUL SARTRE”.**



Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como condição parcial para a obtenção do grau de *Mestre em Filosofia* sob a orientação do Prof. Dr. Cristiano Perius.

Este exemplar corresponde à versão definitiva da dissertação defendida perante a Banca Examinadora.

Aprovado em 30 de junho de 2022.

---

Prof. Dr. Cristiano Perius

Presidente/Orientador

---

Av. Colombo, 5.790 / Bloco H-35 sala 003 – Câmpus Universitário – CEP 87.020-900 – Maringá – PR.

Fones: (44) 3011-8983 - e-mail: [sec-pgf@uem.br](mailto:sec-pgf@uem.br)  
Internet: [www.pgf.uem.br](http://www.pgf.uem.br)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

F363c

Fernandes, Ana Cibele Aparecida Ramos

A contribuição do engajamento literário para o desvelamento da realidade e crítica da má-fé a partir da filosofia de Jean-Paul Sartre / Ana Cibele Aparecida Ramos Fernandes. -- Maringá, PR, 2022.  
64 f.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Perius.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2022.

1. Sartre, Jean-Paul, 1905-1980. 2. Filosofia - Literatura. 3. Engajamento - Desvelamento. 4. Existência - Liberdade. I. Perius, Cristiano, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDD 23.ed. 194

## Agradecimentos

Agradeço a Deus pela oportunidade de tornar possível a realização do mestrado, por me amparar nos momentos de dificuldades me fornecendo discernimento e sabedoria na construção deste trabalho.

A minha família por estar próxima de mim nas passagens das crises existenciais me fortalecendo para não desistir. A meus pais Valdemar e Celina que desde os anos iniciais de meus estudos fizeram de tudo para que eu pudesse me dedicar. A meu filho Leonam que por vezes teve que abrir mão de ter uma mãe por perto, e confesso que não foram poucas. A meu esposo Junior que também teve que compartilhar uma vida de um turbilhão de emoções e transformações, mas se manteve firme ao meu lado para proporcionar a realização e a concretização desse mestrado.

E é claro um agradecimento mais que especial ao meu professor e orientador Cristiano Perius que soube me guiar com seus ensinamentos e direcionamento viabilizando meu crescimento e amadurecimento nessa empreitada louca que é o mestrado. Confesso que não foi fácil para mim, pois tive que conciliar o exercício de meu trabalho em uma jornada de 40 horas do Estado, com minhas 20 turmas de sala de aula, entrelaçar com a construção desse trabalho.

E não poderia faltar o agradecimento aos professores: Vladimir, Roberto e Marco nessa jornada de mestrado, que permitiram por meio de suas disciplinas ofertadas proporcionarem o desvelamento das palavras em seus ensinamentos esclarecedores. Em especial deixo meu agradecimento ao professor Max Vicentini que, no momento certo, ajudou-me a não desistir e tornar possível a conclusão deste trabalho.

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada. À minha querida família, dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso.

## Resumo

Este estudo investiga a contribuição da literatura engajada no processo de desvelamento da realidade e aspectos da inautenticidade do agir humano a partir da má-fé em Jean-Paul Sartre. O trabalho está metodologicamente dividido em dois capítulos: o primeiro capítulo é fundamentado a partir da obra “*Que é literatura?*” e visa revelar a forma como a arte literária contribui para o processo de desvelar a realidade. O segundo capítulo resgata os conceitos de angústia, inautenticidade, má-fé, na obra “*O ser e o nada*”, com o propósito de compreender o exercício da má-fé. Apresenta-se, em primeiro lugar, a relação entre literatura e filosofia, a qual intrinsecamente se estabelece entre estética e ética, voltando-se para uma reflexão sobre a responsabilidade do agir humano. Literatura e filosofia estabelecem entre si um elo de comunicação, pois têm o mesmo propósito: desvelar a realidade humana. Concomitantemente, o engajamento literário pode ser entendido no sentido de um conhecimento pré-reflexivo sobre o mundo que pressupõe o posicionamento crítico e responsável, o comprometimento com o outro, a disposição valorativa e ética voltada para a transformação da realidade. Para Sartre, a práxis da realidade humana se faz em ações concretas a partir de um projeto de ser inacabado e incompleto. A ação no mundo é mobilizada pela liberdade do ser-para-si que leva em conta a história do indivíduo em suas contingências. Para viabilizar a práxis da ação, a literatura nos auxilia a compreender a liberdade e favorece o compromisso ético com o semelhante. A literatura em prosa é uma forma de revelação do homem ao homem e de sua responsabilidade diante do mundo. Todavia, o homem está condenado à liberdade e é responsável por suas ações, provocando o sentimento de angústia ou um dispositivo de fuga que constitui o sentido da má-fé. O movimento teórico deste trabalho leva em conta a indeterminação ontológica do ser-para-si, a saber, a liberdade, e o dispositivo ético da literatura engajada, que propicia a autenticidade de condutas responsáveis, de um lado, e de crítica da má-fé, de outro. Por meio da má-fé dá-se uma forma de fuga da angústia causada pela liberdade do ser-para-si. Nela, o homem procura assumir um papel pronto na sociedade agindo de forma inautêntica para não ter que se responsabilizar pelas suas escolhas. O homem consciente e angustiado em sua situação de liberdade utiliza do exercício da má-fé para fugir e mascarar o vazio ou a falta de ser. Ao contrário, a crítica da má-fé e o engajamento são dispositivos que visam a existência autêntica a partir de condutas responsáveis e legítimas ao ser-para-si.

Palavras chaves: Literatura, Filosofia, Liberdade, Engajamento, Desvelamento, Existência, Realidade, História, Má-fé.

## Abstract

This study investigates the contribution of engaged literature in the process of unveiling reality and aspects of the inauthenticity of human action from the perspective of bad faith in Jean-Paul Sartre. The work is methodologically divided into two chapters: the first chapter is based on the work "What is literature?" and aims to reveal how literary art contributes to the process of unveiling reality. The second chapter recalls the concepts of anguish, inauthenticity, and bad faith in the work "Being and Nothingness", with the purpose of understanding the exercise of bad faith. First, we present the relationship between literature and philosophy, which intrinsically establishes itself between aesthetics and ethics, turning to a reflection on the responsibility of human action. Literature and philosophy establish a communication link between them, because they have the same purpose: to unveil human reality. Concurrently, literary engagement can be understood in the sense of a pre-reflexive knowledge about the world that presupposes a critical and responsible position, a commitment to the other, a valuative and ethical disposition aimed at transforming reality. For Sartre, the praxis of human reality takes place in concrete actions based on an unfinished and incomplete project of being. Action in the world is mobilized by the freedom of being-for-itself that considers the history of the individual in its contingencies. To enable the praxis of action, literature helps us understand freedom and favors the ethical commitment to our fellow man. Literature in prose is a form of revelation of man to man and of his responsibility before the world. However, man is condemned to freedom and is responsible for his actions, provoking the feeling of anguish or an escape device that constitutes the sense of bad faith. The theoretical movement of this work considers the ontological indeterminacy of being-for-itself, namely freedom, and the ethical device of engaged literature, which provides the authenticity of responsible behavior, on one hand, and criticism of bad faith, on the other. Through bad faith, there is a form of escape from the anguish caused by the freedom of being-for-itself. In it, man tries to assume a ready-made role in society by acting inauthentically so as not to have to take responsibility for his choices. The conscious and anguished man in his situation of freedom uses the exercise of bad faith to escape and mask the emptiness or lack of being. On the contrary, the critique of bad faith and the engagement are devices that aim at authentic existence based on responsible and legitimate behaviors to be-self.

Keywords: Literature, Philosophy, Freedom, Engagement, Unveiling, Existence, Reality, History, Bad Faith.

## Résumé

Cette étude examine la contribution de la littérature engagée dans le processus de dévoilement de la réalité et des aspects de l'inauthenticité de l'action humaine à partir de la mauvaise foi chez Jean-Paul Sartre. L'ouvrage est méthodologiquement divisé en deux chapitres : le premier chapitre se base sur l'ouvrage " Qu'est-ce que la littérature ? " et vise à révéler comment l'art littéraire contribue au processus de dévoilement de la réalité. Le deuxième chapitre rappelle les concepts d'angoisse, d'inauthenticité, de mauvaise foi, dans l'œuvre " L'être et le néant ", dans le but de comprendre l'exercice de la mauvaise foi. Tout d'abord, nous présentons la relation entre la littérature et la philosophie, qui s'établit intrinsèquement entre l'esthétique et l'éthique, en se tournant vers une réflexion sur la responsabilité de l'action humaine. La littérature et la philosophie établissent un lien de communication entre elles, puisqu'elles ont le même but : dévoiler la réalité humaine. Concomitamment, l'engagement littéraire peut être compris dans le sens d'une connaissance pré-réflexive du monde qui présuppose une position critique et responsable, un engagement envers l'autre, une disposition valorisante et éthique vers la transformation de la réalité. Pour Sartre, la praxis de la réalité humaine se fait dans des actions concrètes à partir d'un projet d'être inachevé et incomplet. L'action dans le monde est mobilisée par la liberté de l'être-pour-soi qui prend en compte l'histoire de l'individu dans ses contingences. Permettre la praxis de l'action, la littérature nous aide à comprendre la liberté et favorise l'engagement éthique envers notre prochain. La littérature en prose est une forme de révélation de l'homme à l'homme et de sa responsabilité devant le monde. Cependant, l'homme est condamné à la liberté et est responsable de ses actes, provoquant le sentiment d'angoisse ou un dispositif de fuite qui constitue le sentiment de mauvaise foi. Le mouvement théorique de ce travail prend en compte l'indétermination ontologique de l'être-pour-soi, à savoir la liberté, et le dispositif éthique de la littérature engagée, qui assure l'authenticité des comportements responsables, d'une part, et la critique de la mauvaise foi, d'autre part. La mauvaise foi permet d'échapper à l'angoisse de la liberté de l'être-pour-soi. L'homme y tente d'assumer un rôle tout fait dans la société en agissant de manière inauthentique afin de ne pas avoir à assumer la responsabilité de ses choix. L'homme conscient et angoissé dans sa situation de liberté utilise l'exercice de la mauvaise foi pour échapper et masquer le vide ou le manque d'être. Au contraire, la critique de la mauvaise foi et l'engagement sont des dispositifs qui visent l'existence authentique depuis les comportements responsables et légitimes jusqu'à l'être-pour-soi.

Mots-clés: Littérature, Philosophie, Liberté, Engagement, Dévoilement, Existence, Réalité, Histoire, Mauvaise foi.

*“É melhor, muito melhor, contentar-se com a realidade; se ela não é tão brilhante como os sonhos, tem pelo menos a vantagem de existir.”*

(Machado de Assis)

*“Só o homem existe, enquanto modo característico de estar no mundo, ao passo que as coisas simplesmente são.”*

(Martin Heidegger)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1- O DESVELAMENTO DA LITERATURA.....</b>	<b>19</b>
1.1 - Literatura e filosofia.....	21
1.2 - O engajamento literário.....	26
1.3 - O processo da liberdade.....	34
1.4 - A liberdade e a historicidade.....	41
<b>Capítulo 2 - O EXERCÍCIO DA MÁ-FÉ.....</b>	<b>49</b>
2.1 - O nada.....	52
2.2 - O processo da transcendência e a facticidade na má-fé.....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

Desde os tempos primordiais pergunta-se: O que é o homem? O que somos? A essa inquietação múltiplas respostas surgiram e, dentro dessa investigação pode-se incluir Jean-Paul Sartre. Sartre, em defesa da corrente existencialista a qual pertence, alega que somos um projeto de ser. Tal afirmação suscita muitas questões. Se o homem é um projeto, significa que é algo que precisa ser construído, é um desejo de ser lançado ao porvir. Sartre complementa a ideia dizendo que de início não somos nada, mas têm-se nas mãos o que vai se tornar. Para Sartre, somos lançados no mundo em uma dada situação a partir da qual precisa-se fazer escolhas para tornar-se algo. O homem tem sua história que é individual, mas, por ser lançado no mundo, faz-se a partir de um contexto histórico que já existe. Em Sartre, o indivíduo conta com sua condição de liberdade para poder fazer-se. Todavia, do mesmo modo que ser livre, é ser responsável pelas escolhas, o que se torna um grande enigma a ser desvendado, pois a responsabilidade é única, é uma decisão individual, não se pode contar com o auxílio de um Ser Supremo, de um destino, de uma religião ou de qualquer outra coisa que sirva de fundamento. Essa presença da liberdade no homem se dá de forma consciente acarretando um processo de angústia existencial por ter que tomar decisões e não se saber qual será o resultado, o que acaba por ocasionar o exercício de má-fé, isto é, o desejo de fugir da angustiante situação de ter que fazer-se. Paradoxalmente, o homem se faz de forma individual e, ao mesmo tempo, torna-se universal, isto é, define-se enquanto modo de ser que ultrapassa a subjetividade. De que maneira ocorre esta passagem da subjetividade ao ser universal?

Além de responder a esta pergunta, neste trabalho buscar-se-á os conceitos de desvelamento da realidade e de engajamento. A fim de compreender o sentido existencial e os desdobramentos de ser lançado no mundo, o trabalho está dividido metodologicamente em dois capítulos. O primeiro capítulo trata do desvelamento da realidade humana a partir da literatura engajada em Jean-Paul Sartre considerando os aspectos éticos do agir humano. Para a elaboração desse primeiro capítulo o apoio central da pesquisa é o livro de Sartre “*Que é literatura*”. Já, o segundo capítulo trata dos desdobramentos da consciência humana que recai sobre o processo da má-fé. Nesse segundo capítulo o aporte central de apoio é “*O ser e o nada*”.

A reflexão da obra “*Que é literatura*”, publicada em 1947, mostra justamente o processo sobre o desvelamento da realidade humana a partir da literatura e a busca de compreensão do homem e suas relações com o social. A literatura engajada é aquela disposta

a abordar os mais variados temas sociais, sem se prender a uma ilusão humanista. Tal literatura reflete o homem em situação e o escritor não deve querer se omitir em seus textos, nem anular o direito de voz do leitor que, nas entrelinhas do texto, diz o que entendeu a partir de si mesmo. “*Que é literatura*” revela o homem em sua total situação de liberdade. O homem enquanto liberdade é responsável por suas escolhas e o que irá se tornar, o que acarreta a si próprio a angústia de ser-para-si. Ao negar a angústia de ser livre, o homem quer fugir dessa situação, recaindo sobre a má-fé. O conceito de má-fé será resgatado da obra “*O ser e o nada*” que é publicada em 1943. A obra “*O ser e o nada*” retrata o homem como consciente de suas ações que, em razão da angústia diante de sua liberdade, prefere fugir de sua responsabilidade e passa a agir de má-fé. Com o objetivo de promover uma reflexão sobre pontos cruciais na existência humana tanto a obra “*Que é literatura*” quanto “*O ser e o nada*” são necessárias e complementares para a sustentação e compreensão do pensamento sartriano e relevantes dentro do propósito de nosso trabalho. A má-fé define-se por um agir inautêntico. Dessa forma, procurar-se-á, no desenvolvimento deste trabalho, descrever a realidade humana constituída pela necessidade de desvelamento da consciência e pelo engajamento, de um lado, e pela fuga de si representada pela má-fé, de outro.

O objetivo inicial deste trabalho é tratar a relação que se estabelece entre literatura e filosofia no pensamento do filósofo francês Jean-Paul Sartre na obra *Que é literatura?*, e, posteriormente, o conceito de engajamento a partir do alcance ético da filosofia de Sartre. A obra *Que é literatura?* é publicada em 1947, um momento pós-guerra no qual a Europa se reconstituía, ainda se recuperando das marcas do nazismo e fascismo. A sociedade passa a se questionar sobre quais valores e ações devem se apoiar para entender os acontecimentos. É sob o pano de fundo do pós-guerra, entre ruínas e reconstrução, que Sartre propõe, enquanto escritor e filósofo, o modo pelo qual a literatura deveria ater-se àquela vida circundante que agora é sua realidade, sua situação histórica e, também, a forma pela qual o texto literário pode transformá-la ou aceitá-la. Mais ainda, a literatura revela como o escritor se engaja no momento histórico que é seu, como ele exerce sua liberdade de acordo com a História que o obriga a ter consciência de si mesmo e, além disso, do mundo. Sartre se volta à arte da literatura enquanto obra do imaginário buscando, por meio da imaginação, alcançar a consciência da própria realidade humana por meio de suas personagens. Ao se voltar para a filosofia, solicita o comprometimento ético de ter que assumir a responsabilidade consigo e com o outro no processo histórico no qual está lançado.

Nesse momento de pós-guerra, a literatura ganha importância ao se mostrar disposta a abordar os mais variados temas sociais sem se prender a uma ilusão humanista, religiosa ou

metafísica. Tal literatura passa a refletir sobre o homem em situação para os outros homens em situação e o escritor não deve se omitir em seus textos, nem anular o direito de voz ao leitor que edifica sua própria interpretação. O leitor vê no escritor alguém que reflete questões importantes para a humanidade e encontra na literatura seus próprios anseios. Se, em momentos históricos anteriores, o escritor era porta voz de um *status quo* predeterminado, agora, na sociedade contemporânea, o escritor é a voz da mudança social, é aquele que deve, por meio das palavras, mostrar à sociedade como ela é a fim de que o indivíduo tome consciência de si e passe a agir no mundo.

A literatura em prosa abandona a forma de uma expressão elevada e destinada a seres especiais ou privilegiados para se tornar um ofício determinado a transformar a realidade humana. É a partir desse momento que se pode perceber como a arte, no caso específico, a literatura em prosa, tem o poder de revelar a realidade humana e promover o comprometimento com a ação a partir da responsabilidade assumida livremente.

Na obra “*Que é literatura?*”, Sartre aborda o ato de escrever com o intuito de revelar ao homem sua liberdade a partir das escolhas dos personagens literárias. A relação entre literatura e filosofia se encontra estabelecida em uma relação mais ampla, que podemos chamar de relação entre ética e estética. A literatura é a arte que busca a beleza para se expressar e exige, ao mesmo tempo, o comprometimento, tal como é estabelecido pela filosofia. A relação entre literatura e filosofia se dá na ligação da arte em prosa, visto que ela (a prosa) pertence à estética enquanto campo da linguagem, imaginação e criação, e, ao mesmo tempo, também pertence à ética, na medida em que toda linguagem implica um comprometimento com o que é dito. A fala é uma ação e toda ação envolve criar critérios, valor. A prosa reúne conceitos da estética e da ética associando beleza e engajamento. O engajamento para Sartre pode ser entendido como o comprometimento enquanto ato de assumir um posicionamento diante da realidade. O corpus sartriano é voltado para uma intencionalidade ética que percorre toda a sua obra, na tentativa de desvelar a existência humana.

A literatura e a filosofia se apresentam como dois momentos necessários, pois se tornam essenciais para desvelar e promover a compreensão da realidade humana. Ambas são autônomas, mas mantêm uma relação de compartilhamento e comunicação entre si ao se revelarem a partir do mesmo objeto de estudo, a saber: o homem. Assim, estão conectados aspectos da literatura – a fim de que o homem se reconheça de modo imediato por meio da beleza e comunicação no desvelamento das palavras – e o comprometimento ético e consciente diante da realidade.

Para Sartre,

cada uma de nossas percepções é acompanhada da consciência de que a realidade humana é “desvendante”; isto quer dizer que através dela “há” o ser, ou ainda o homem que é o meio pelo qual as coisas se manifestam; (...) a cada um dos nossos atos, o mundo nos revela uma face nova. Mas se sabemos que somos os detectores do ser, sabemos também que não somos os seus produtores. (...) Assim, à nossa certeza interior de sermos “desvendantes”, se junta aquela de sermos inessenciais em relação a coisa desvendada.<sup>1</sup>

Em outras palavras, a realidade humana se faz a partir das ações humanas em que não há algo pré-determinado pelo meio e nem está acima dele, mas tem a consciência de que, se é verdade que não é *causa sui*, também é verdade que estabelece o valor. O homem é inessencial em relação ao mundo e, ao mesmo tempo, desvelante, isto é, confere o valor ao mundo de forma indeterminada e livre. O homem se depara com o constante processo de construir-se e passa a criar valores que resultam de seu desvelamento da realidade.

Em Sartre, no horizonte da literatura, a relação com a ética nasce com o engajamento do artista em face ao momento histórico em que vive. No entanto, esse engajamento com a história é intermediado por sua obra, a qual escolheu livremente criar e construir tendo por base sua existência individual e concreta. A base da estética sartriana é o indivíduo artista e não um princípio universal a que ele deve se submeter para criar sua obra. Em outras palavras, é o sentido criado pelo artista por intermédio de sua obra individual que será responsável por inaugurar um sentido universal. Nesse caso, o artista não é o espectador do palco da história, mas aquele que vivência o drama histórico, tendo como matéria prima sua própria individualidade e existência. O escritor, quando escreve, assume livremente a ação de escrever e provoca a liberdade do leitor que, por sua vez, também de forma livre, através da leitura, interpreta as palavras. “É só através da consciência do leitor que ele pode perceber-se como essencial à sua obra, toda obra literária é um apelo. Escrever é apelar ao leitor para que esse faça passar à existência objetiva o desvelamento que empreende por meio da linguagem”.<sup>2</sup> Assim, percebe-se que o escritor precisa do leitor, pois é por meio desse que a obra ganha sentido e plenitude ao ser lida. O leitor, por sua vez, procura o autor, pois encontra-se representado em seus pensamentos. Mesmo sobre a leitura de uma mesma obra, a interpretação pode se fazer de modo diferente em cada indivíduo, pois cada leitor é um ser humano em situação, tem seu contexto pessoal e sua própria intencionalidade.

<sup>1</sup> SARTRE, Jean-Paul, Que é literatura?, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 33-34.

<sup>2</sup> SARTRE, Jean-Paul, Que é literatura?, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 39.

No âmbito sartriano, como o homem não tem uma essência que o pré-determine, ele se faz a partir de sua história, por intermédio de suas escolhas. Diante de cada indivíduo se descortina um leque de possibilidades e, ao escolher livremente uma possibilidade em detrimento de outra, ele se torna responsável pela escolha e a assume em sua existência. Ao escolher, se está construindo sua história que, por sua vez, nunca estará completa e acabada. Se é personagem diante da história, se tem que atuar sobre as possibilidades históricas em meio à contingência existencial de ser livre e responsável.

Para Sartre, não há uma teleologia na história, ou seja, um sentido último, como a sociedade sem classes em Marx, o espírito absoluto em Hegel, ou o juízo final na concepção cristã. Quem faz o sentido da história é o homem, enquanto ser individual e singular, não há um sentido universal e absoluto. E nesse processo em que o homem está lançado no mundo, construindo-se e projetando-se constantemente, a literatura, por meio da prosa, torna-se uma aliada ao fornecer uma representação do homem, um desvelamento da realidade humana. Para Sartre, a concepção do engajamento literário é filosófica, pois revela-se a ligação com o comprometimento diante do mundo. Desta forma,

cada quadro, cada livro é uma recuperação da totalidade do ser; cada um deles apresenta essa totalidade à liberdade do espectador. Pois é esta a finalidade última da arte: recuperar este mundo, mostrando-o tal como ele é, mas como se tivesse origem na liberdade humana.<sup>3</sup>

A literatura, como representação imaginária da realidade, acaba por fornecer um diagnóstico representativo dos dramas e dilemas dos seres humanos que estão inseridos em seus respectivos momentos históricos. Assim, a literatura é um exercício que só se realiza quando estimula a liberdade do leitor. O homem é liberdade, ou melhor, em termos sartrianos, o homem está condenado à liberdade, e vive esse paradoxo constante. O homem é lançado no mundo e conta apenas com o fato de existir e de não ter uma essência pré-definida, por isso se vê a todo o momento construindo um porvir, projetando-se no futuro. O homem é consciência de ser para-si na angústia de ter que contar com sua liberdade para realizar suas escolhas sem deixar de estar situado em uma determinada situação histórica.

Nesse momento, cabe compreender melhor o paradoxo da liberdade humana que será tratado a seguir. No primeiro capítulo, examinar-se-á as seguintes questões: Qual é a relação que se estabelece entre literatura e filosofia? Em que medida a literatura nos oferece subsídios para melhor compreensão de nossa existência? De que maneira a literatura toca o conceito de

---

<sup>3</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 47.

responsabilidade? Em que medida o homem é livre e ao mesmo tempo condicionado pelas determinações históricas?

Por sua vez, o homem condicionado a sua total liberdade angustia-se com sua situação e procura fugir, mascarando sua própria existência, incide na má-fé. Assim, no segundo capítulo examinar-se-á: Como se dá o processo do exercício da má-fé? Ao fugir de sua responsabilidade, o homem age conscientemente? Quando ocorre a má-fé? O homem é negatividade?

## Capítulo 1- O DESVELAMENTO DA LITERATURA

*“O homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é portanto, nada mais do que o conjunto de seus atos.”*

(Jean-Paul Sartre)

Em meio ao momento histórico do pós-guerra, no qual publica *Que é literatura?*, Sartre pensa o homem entre o existir e o fazer. A literatura passa a ser vista como um ofício da linguagem na busca da compreensão da realidade humana, engajando-se a partir de uma filosofia que não é contemplativa e sim ativa na construção do homem. A literatura é capaz de propor as ambiguidades e complexidades do homem por meio de sua forma imediata, a filosofia, ao contrário, explicita, com a mediação do conceito, os aspectos ontológicos que a literatura visava de forma indireta através da narrativa concreta de personagens do mundo vivido. De um lado, a filosofia torna o homem consciente de si por meio de noções abstratas, de conceitos, mas não visa descrever o vivido particular, pois fala do homem enquanto sujeito, não enquanto indivíduo. De outro, a literatura trata do homem enquanto personagem de um mundo concreto, particular ao indivíduo.

Contudo, se está em um mundo que se tenciona mudar, com homens agentes que fazem a história e são feitos por ela, se tem a necessidade de efetuar uma literatura que seja voltada à práxis e ao desvelamento da própria realidade humana em volta de um paradoxo metafísico e moral. O homem é um ser para-si que procura fazer-se diante da angústia de ser livre e responsável por suas ações. É na ação que o homem constrói o seu projeto. Se não existe a priori o que deve ser feito, é agindo que o homem vai escolher a sua própria moral. Em outras palavras, não se trata de uma moral de (boas) intenções, mas de ações concretas e de suas consequências.

Para o filósofo Jean-Paul Sartre, a literatura redescobre a sua função na sociedade quando a sua percepção da realidade passa a ser constituída da historicidade. A partir de um mergulho na atualidade de cada um, a prática literária passa a ser entendida como uma ação

na história. E a tarefa ética da literatura é construir a mediação necessária para que o homem tome consciência de sua alienação. Além disso, o ato de escrever é agir, e comprometer-se com uma ação concreta e prática e não mais uma contemplação do mundo. A partir de um pacto estabelecido entre leitor e escritor, Sartre discute a questão do engajamento<sup>4</sup> da literatura. A obra possui o caráter aberta, de leitura continuada a cada virar de página, criando um conflito entre os personagens do livro que, através do escritor, contamina o leitor. O escritor deseja ver no leitor alguém que reflete as questões importantes para a humanidade e vê seus anseios refletidos na obra.

---

<sup>4</sup> De uma perspectiva lata, engajar-se, para Sartre, não significa necessariamente criticar e atuar politicamente (embora o possa), mas, antes, conscientizar-se da responsabilidade humana por todo e qualquer ato (palavra) e mesmo pelo não ato (silêncio). Segundo François Noudelmann e Gilles Philippe, no *Dictionnaire Sartre*, Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004, pág. 156, o engajamento, tal como Sartre o define, tem três aspectos intimamente relacionados. A adesão plena e irreversível do sujeito a um certo número de verdades reconhecidas como gerais; é, portanto, o produto de uma liberdade, concebida como "a possibilidade da vontade de se determinar para dizer sim ou não às ideias concebidas pelo entendimento". É neste ponto que o sujeito é conduzido a experimentar tanto a sua solidão como a sua plena responsabilidade face às ideias. Isto leva, em segundo lugar, à necessidade de escolha que caracteriza todo o empenho, pois o sujeito não pode escapar ao mundo e às suas posições que este lhe exige; A dimensão do engajamento de Sartre foi particularmente sensível durante a Guerra Fria, onde as provas da escolha a ser feita, específicas para a período da Ocupação, tinha dado lugar a uma profunda incerteza quanto à relação entre o fim e os meios no contexto de ação política; Foi neste contexto que Sartre também sentiu a necessidade de estabelecer uma natureza das escolhas a fazer (a questão da violência, dos fins e os meios, etc.). A realização da escolha requer a sua tradução em ação. Assim apresentado, ninguém escapa ao compromisso e a necessidade de escolha, nem o dever de fazer acontecer a liberdade para si próprio e para os outros. No entanto, o engajamento de Sartre aparece profundamente moldado pelas condições da prática intelectual e pela autoria do autor como escritor. Na década de 1950, a concepção de Sartre de engajamento é inseparável da literatura. O engajamento fornece ao autor a essência dos seus argumentos e valores. Esta estreita relação com a literatura é particularmente visível na importância dada à linguagem como "modo de ação secundário" cuja eficácia reside no dizer coisas e querer mudá-las.

## 1.1- Literatura e filosofia

Sartre é um dos principais filósofos da fenomenologia<sup>5</sup>, filosofia que descreve a realidade humana, e mergulha na história e ver na historicidade a compreensão do homem, não mais abstrato, conceitual ou hipotético. Para Sartre, a arte e, em especial, a literatura, não pode ser menosprezada, já que esta permite a compreensão do que é o ser humano. Todavia, ainda que filosofia e literatura tratem do mesmo, a saber, do fenômeno humano em sua responsabilidade por criar valores e exercer a liberdade, filosofia e literatura se comunicam sem se identificarem entre si. Tanto a filosofia quanto a literatura são autônomas e autorreferentes.

Se tanto a filosofia quanto a literatura descrevem o homem, elas o fazem de modos distintos. A filosofia recorre à descrição por meio de conceitos. A literatura descreve personagens ficcionais. A filosofia e a literatura são suficientes em si mesmas, são específicas, muito embora, por tratarem do mesmo objeto, podem ser complementares. A filosofia descreve o homem conceitualmente. Ao fazê-lo, abandona a capacidade de retratá-lo de modo imediato e cabe à arte este papel. A arte é capaz de retratar o indivíduo de maneira imediata. Ora, as descrições filosóficas da fenomenologia são universais e por isso não são descrições históricas de uma vida individual ou específica. Ambas são suficientes em si mesmas, embora, em suas especificidades, permitam a comunicação entre si. Dito de outro modo, trata-se de uma vizinhança comunicante, pois tratam do mesmo objeto e possibilitam a sua compreensão.

Mas, o que quer dizer propriamente a expressão “vizinhança comunicante”? Para Franklin Leopoldo e Silva, Sartre entrelaça internamente as duas formas de exposição a partir de uma relação que se daria por uma espécie de comunicação que se pode chamar de passagem interna, significando com isso que a vizinhança entre filosofia e literatura é tal que não se precisaria, nem se poderia, sair de uma para entrar na outra, configurando assim dois

---

<sup>5</sup> Do ponto de vista epistemológico, cujo debate é fortemente marcante na filosofia moderna, a fenomenologia tem por postulado básico superar a dicotomia entre razão e experiência. Segundo François Noudelmann e Gilles Philippe, no *Dictionnaire Sartre*, Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004, pág. 379, a Fenomenologia, no sentido que lhe foi dado por Husserl, o seu fundador, é o estudo dos fenômenos. Se tomamos o fenômeno como sendo o que aparece, a fenomenologia será o estudo dos modos de aparecimento e, portanto, das relações entre o que aparece e aquele a quem aparece. A fenomenologia consiste em reaprender a ver os fenômenos tal como eles são, ou seja, como eles aparecem, ao fazer abstração de todos os nossos preconceitos, conhecimentos científicos, culturais ou filosóficos, que substituem as categorias que a experiência pode revelar sobre si mesma. A forma como os fenômenos são estruturados estão na base de toda a nossa experiência na medida em que formam as suas leis internas, o que permitirá construir uma fenomenologia de facticidade, um estudo das condições do ser humano em sentido existencial.

espaços contíguos e apenas indiretamente comunicáveis, ou seja, a passagem de um a outro se daria pela mediação da exterioridade.

Para Franklin Leopoldo e Silva, a literatura e a filosofia de Sartre convergem, mesmo mantendo-se distintas quanto à forma, para a ética, pois ambas têm como base a afirmação: o homem é o ser em que o próprio ser está em questão. Toda a filosofia de Sartre pode ser vista como questão permanente e aberta a si mesma, sem que uma resolução possa salvar de antemão o fenômeno humano. Uma vez que o existencialismo sartriano entende que a realidade a ser investigada é a humana, é essa a vizinhança de proximidade que se encontra entre a filosofia e a literatura. Por sua vez, o fenômeno humano está em aberto em um constante porvir a construir-se.

O primeiro passo de nossa investigação da relação entre filosofia e literatura está na aproximação entre elas. Ao apontar o lugar comum entre a filosofia e a literatura, não se quer reduzir uma à outra. A literatura não é subserviente à filosofia, não é ilustração da filosofia. A literatura não necessita da filosofia para ser compreendida. E vice-versa. A filosofia é compreensível por si mesma, assim como a literatura. Entretanto, apesar da autonomia da filosofia e da literatura, elas se comunicam. A literatura descreve e retrata o homem de modo imediato e pré-reflexivo, ao passo que a filosofia conceitualiza sem individualizá-lo.

A compreensão do fenômeno humano pode ser encontrada na ficção, que está na literatura, e no conceito, que está na filosofia. Filosofia e literatura utilizam as palavras para descrever o humano. Para Sartre, “estabelece-se assim, entre a palavra e a coisa significada, uma dupla relação recíproca de semelhança mágica e de significado”<sup>6</sup>. Ambas, filosofia e literatura são autônomas, mas há uma relação de compartilhamento, de comunicação e de iluminação recíproca entre as categorias do ser para-si (filosofia) e as configurações dos personagens de ficção (literatura).

A literatura exerce uma tarefa em que não é possível recorrer à análise descritiva conceitual, pois justamente é o que acontece na própria filosofia, quaisquer que sejam o tema ou o filósofo. Na literatura, um saber acerca do homem se constitui quando o próprio homem se faz reconhecer pela caracterização dos personagens.

Para Sartre, embora a literatura seja ancorada no imaginário e esteja do lado das artes, do irreal, ela também é significativa, o que a faz distinta das outras artes, aproximando-a, assim, da filosofia. A literatura em prosa se encontra num lugar específico entre as artes, pois a beleza das palavras não lhe é suficiente, pois está comprometida com as ações humanas, com a transformação do mundo. A literatura comporta elementos da arte (busca a beleza por

<sup>6</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 15.

meio da forma), mas incorpora elementos que não são apenas formais ou estéticos, mas também éticos (ancorados nos efeitos da comunicação, no engajamento).

Contudo, a literatura pertence ao campo da Estética por estar no campo da significação artística e está no campo da Ética na medida em que a significação prosaica implica um comprometimento com o que é dito, mobiliza a ação a partir de questões morais. Assim, a beleza, que é componente ativo da estética, é acompanhada pela ética, na medida em que mobiliza os valores do escritor e do leitor diante da realidade humana.

Na literatura, Sartre distingue a prosa da poesia. O campo da ação é reservado à prosa, pois tem a comunicação como papel particular de primazia, diferentemente da poesia. A prosa é imaginante-pensante, ou seja, utiliza-se da beleza e do engajamento, admitindo e necessitando de ambos. Em outras palavras, não basta, à literatura em prosa, apenas a beleza formal da palavra, isto é, o aspecto visual e sonoro do signo. É preciso o conceito ou o significado, a saber, o conhecimento ou a lição de coisas a que o signo se fixa. Todavia, a prosa está no campo da arte envolvendo a beleza e, ao mesmo tempo, a comunicação e a transformação da natureza.

A arte da prosa se exerce sobre o discurso, sua matéria é naturalmente significante: vale dizer, as palavras não são, de início, objetos, mas designações de objetos. Não se trata de saber se elas agradam por si próprias, mas sim se indicam corretamente determinada coisa do mundo ou determinada noção<sup>7</sup>.

Em outras palavras, a arte em prosa se manifesta por meio do discurso. Na prosa, a palavra não é utilizada como objeto, mas como designação de objetos. É a ideia que deve prevalecer, pois as palavras são apenas instrumentos. A finalidade da linguagem é comunicar. O prosador é aquele que utiliza a linguagem como instrumento e tem em vista mais a ideia que pretende manifestar do que a palavra que irá utilizar. O prosador se serve das palavras, vendo-as como meio e, ao contrário da poesia, não as emprega como um fim em si mesmas. A poesia não se utiliza da linguagem da mesma maneira que a prosa. Em poesia, as palavras são autorreferentes, ou seja, não visam comunicar algo do mundo. Ela é intransitiva, isto é, toma a si mesma por objeto.

As palavras se organizam para a comunicação entre os homens. Elas formam frases, cada frase contém uma semente de transformação do mundo. O escritor, ao tomar a decisão de escrever um livro, decidiu desvelar o mundo para os outros homens. O leitor, ao tomar a decisão de ler um livro, assume o papel de interpretá-lo. É sua a responsabilidade de tomar

---

<sup>7</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 18.

partido em face do livro. O escritor é livre e apela à liberdade do leitor. O leitor é livre e responsável pelo que interpreta.

Para Sartre, falar é agir, uma coisa nomeada não é mais inteiramente a mesma, perdeu a sua inocência. “Ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la, desvendo-a a mim mesmo e aos outros, para mudá-la”<sup>8</sup>. Por sua vez, o prosador é um homem que escolheu determinado modo de ação por desvelamento e ele sabe que a palavra é ação, que desvelar implica a consciência e que as palavras têm consequências. Desta forma, toda prosa é uma imagem do mundo, pois revela o homem ao próprio homem. A imagem humana mobiliza o homem a agir.

Na filosofia sartriana, o livro não serve à minha liberdade: ele a requisita. O livro é uma ponte que conduz o acesso à liberdade por meio da imaginação. É por meio da leitura de um livro que se permite ao leitor desvendar, abrir os olhos, ter consciência da realidade. O livro deve provocar no leitor a desejo de agir e de se posicionar diante do mundo. A partir do exercício da leitura, o leitor livremente escolhe os efeitos do livro sobre seu estar no mundo. E auxilia as suas ações para transformar o mundo ou aceitá-lo.

A literatura em prosa revela situações humanas criadas pelo imaginário. Ao tomar conhecimento das ações das personagens do livro, o leitor compreende que a existência se dá na elucidação de um processo constitutivamente inacabado onde as possibilidades do ser estão abertas. A falta da liberdade das personagens, a má fé, a errância e a ruína em que se encontram são motivos para o engajamento e a tomada de consciência do leitor. A prosa revela o paradoxo que o homem é, a saber, um ser marcado pelo não ser, pois o homem está constantemente em busca de realizar um projeto de ser.

Se por um lado a prosa é imaginário e mostra, em si mesma, a busca de ser e a incapacidade de alcançá-lo autenticamente, por outro lado ela é comunicação, significação que mostra para além de si mesma, o retrato da realidade humana aos outros homens, de fazê-los reconhecer ou mudar sua condição, mas impossibilitando-os de fingirem ignorá-la. Internamente (em si mesma, no fato de ser obra imaginária) e externamente (ao que ela refere, o seu significado), a prosa mostra e é os paradoxos que todo homem é.<sup>9</sup>

Em outras palavras, a literatura revela o paradoxo que somos, pois descreve o drama da existência a partir de uma situação específica e, ao mesmo tempo, comunica este drama a todos, isto é, universaliza o drama imaginário por meio do reconhecimento da condição humana.

---

<sup>8</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 20.

<sup>9</sup> SOUZA, Thana Mara de, *Sartre e a Literatura Engajada*, Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 21.

A prosa adquire, na filosofia de Sartre, o papel fundamental de revelar a realidade humana. Para ele, a filosofia não apreende o indivíduo concreto, e essa característica se deve à sua linguagem conceitual. Já a literatura, por não utilizar conceitos, é capaz de descrever e revelar o indivíduo concreto.

Com efeito, a partir da especificidade da prosa em relação às outras artes – pois visa a linguagem no sentido da comunicação – é possível descrever os homens em situação de agir. Enquanto a prosa se expressa pelas palavras visando o significado e, por essa razão, aponta para os objetos fora da linguagem, a poesia visa o significante, ou seja, seu sentido encontra-se nela mesma. A diferença entre prosa e poesia tem implicações sobre o plano ético, pois não podemos exigir o mesmo tipo de engajamento entre elas, uma vez que a poesia não visa os objetos do mundo, mas apenas as palavras em si mesmas.

De que maneira a prosa faculta a liberdade atrelada ao engajamento? Através da obra *Que é a literatura?*, Sartre mostra que a prosa é engajada, e justamente por isso descreve a realidade humana como universal concreto. Mas essa função da prosa só pode ser compreendida ao entender-se o que Sartre quer dizer por engajamento e como ele se dá no gesto literário.

## 1.2 - O engajamento literário

A obra de arte promove a tomada de consciência no leitor a partir do ato da imaginação em cumprimento com o exercício da reflexão. Aquele que lê passa a enxergar a realidade e então é levado a agir diante das possibilidades que passam a ser vislumbradas nessa tomada de consciência a partir de sua liberdade.

O leitor pratica a sua liberdade ao decidir ler o livro. As ações das personagens decorrem da elaboração do escritor, que imagina o mundo a partir de escolhas e de suas consequências. O leitor, ao perceber este estado de coisas, isto é, os acontecimentos da trama literária, reflete livremente sobre a significação da estória a partir de sua existência.

Consequentemente, o engajamento está na prosa, não na poesia, porque se aplica às artes significantes: nestas, as palavras se referem a algo fora delas, e, se a intenção é esta, então é lícito perguntar qual a finalidade de cada obra. Nas artes não-significantes (como a música, pintura e escultura) não há uma referência às coisas externas e, se é assim, não há como exigir delas o engajamento. Por isso, para Sartre, “uma coisa é trabalhar com sons e cores, outra é expressar-se com palavras.”<sup>10</sup> O engajamento é o comprometimento do escritor em relação ao que escreveu e ao que quis exprimir. O poeta, ao contrário, não está comprometido com a ação humana, mas com as palavras em si mesmas: “na medida em que se recusa a utilizar a linguagem como utilitária, o poeta nada deseja nomear, já que nomear algo, há sempre o sacrifício das palavras em relação ao objeto nomeado, é este que temos em vista e não seu nome”<sup>11</sup>.

A prosa assume a palavra para transparecer a ideia que se quer manifestar e traduz ao leitor o compromisso com o que se leu para que esse se posicione diante de sua leitura. Através desse fenômeno de ir até as coisas e sair da linguagem, a prosa permite revelar o homem ao próprio homem e oferece as possibilidades de enxergar essa realidade ao desvelar o mundo.

Tanto o poeta quanto o prosador contestam, mas, enquanto o poeta contesta em nome de uma derrota oculta que toda vitória traz consigo, o prosador o faz em nome de um êxito maior. O fato de não podermos cobrar um engajamento do poeta não dispensa o prosador de ser engajado. Embora ambos escrevam, nada há de comum nesse ato de escrever.<sup>12</sup>

A prosa é utilitária por essência e o prosador é um homem que se serve das palavras, que as considera em sua transitividade, pois as vê como instrumentos e não como objetos.

<sup>10</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 10.

<sup>11</sup> SOUZA, Thana Mara de, *Sartre e a Literatura Engajada*, Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 33.

<sup>12</sup> SOUZA, Thana Mara de, *Sartre e a Literatura Engajada*, Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 44.

Para o prosador importa o significado do signo, pois a linguagem é um meio e não um fim. Justamente por ser significante e por se dirigir à liberdade do leitor é que a prosa é engajada.

O engajamento que Sartre deseja é aquele que mostra o desvelamento da contingência e da responsabilidade humana como comprometimento do autor que deseja comunicar e passar o plano das ações práticas à condição humana. Assim, a noção de engajamento se restringe à prosa, por ser significante, por utilizar a linguagem como instrumento para a comunicação.

Todavia, o engajamento do escritor é corroborado pelo fato deste ser homem e não apenas prosador. Sua responsabilidade para a condição humana reflete-se inteira em sua arte já que ele, enquanto ser-no-mundo, transforma o mundo ou até mesmo aceitá-lo. O prosador é responsável por tudo diante de todos e está comprometido com o tempo presente. A literatura sempre é interpretada a partir do tempo presente, apesar de formular situações imaginárias de outro tempo, de outro mundo. Para Sartre:

a prosa é discurso, e as palavras que utiliza são vistas não como objetos, mas como designação deles, e se é assim a preocupação primeira do escritor não deve ser a beleza e o agrado das palavras, mas em ver se elas indicam corretamente a coisa da qual ele quer falar: a palavra aqui é um instrumento, um vidro que nosso olhar deve atravessar, e de tal modo que depois nem mesmo nos lembremos que havia um vidro ali.<sup>13</sup>

Na citação acima temos a ideia de que o que deve prevalecer não é a palavra, mas o sentido que ela visa. O leitor, compreendendo o sentido, ignora as palavras que lhe fornecerem o acesso ao que comunicam. No entanto, isso não deve levar o prosador a uma total desconsideração da palavra, já que é ela que faz o artista: “Ninguém é escritor por haver decidido dizer certas coisas, mas por haver decidido dizê-las de determinado modo”<sup>14</sup>. O escritor não tem em vista a contemplação, pois, se escreve do modo como escreve, vê o signo como significado e não como significante, ou seja, deseja apontar a algo do mundo. O prosador só escreve e organiza as frases porque deseja comunicar algo aos leitores e é isso que faz da prosa um instrumento para a ação.

Conseqüentemente, a palavra tem o poder de transformar o ato falado em um ato refletido: se, antes de ser dito, o ato podia passar despercebido, depois de ser nomeado, é preciso assumi-lo. Nomear uma coisa é reconhecer a sua realidade, é fazer com que o leitor não mais possa ignorar sua existência, pois exige em face dela um posicionamento responsável. Desta forma, a prosa não é uma arte inofensiva, pois, na medida em que é discurso, mobiliza a ação, revela a conduta humana de forma que não possamos ignorá-la.

<sup>13</sup> SARTRE, Jean-Paul. Que é literatura?, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 18.

<sup>14</sup> SARTRE, Jean-Paul. Que é literatura?, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 22.

Assim, a prosa tem uma importância fundamental para a realidade humana. Por revelar ao homem a sua própria imagem, mostra o homem livre e angustiado diante das contingências. Mais ainda, mostra ao homem a necessidade de escolher o seu futuro. O engajamento revela à consciência de que o mundo é algo que escolhemos.

É no sentido de comprometer a si mesmo e o leitor, de se responsabilizar pelas escolhas, de reconhecer que cada ato significa a aceitação ou a recusa de algo, que deve-se entender o engajamento sartriano. O engajamento está presente em cada ato, em cada palavra dita, em cada silêncio. A prosa é engajada por mostrar o homem em situação, e fazer com que os leitores não possam mais fingir que ignoram a relação entre a ação e as consequências.

O escritor apresenta a imagem da sociedade e a intimida a assumi-la ou então a transformar-se. E de qualquer modo ela muda, perde o equilíbrio que a ignorância lhe proporcionava, oscila entre a vergonha e o cinismo, pratica a má-fé, assim o escritor dá à sociedade uma consciência infeliz.<sup>15</sup>

Em outras palavras, a prosa revela o homem a si mesmo e sua realidade e o convida a assumir sua responsabilidade diante de suas escolhas. Até mesmo a má fé, definida como uma conduta inautêntica, por exemplo, o fingimento em sentido existencial, isto é, quando há a intenção de fuga da responsabilidade que define o ser para-si<sup>16</sup> é revelado pelo escritor. O homem se depara com suas possibilidades e deve agir para dar sentido a sua existência. Cabe ao homem se inventar o tempo todo e jamais esquecer que é de sua responsabilidade tornar-se algo. Não há um modelo a ser seguido e sim as possibilidades para agir. O homem é criador de si mesmo a partir de condições ontológicas e concretas. As condições ontológicas dizem respeito às categorias que descrevem a condição humana que pode-se chamar das

<sup>15</sup> **SARTRE, Jean-Paul**, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 65.

<sup>16</sup> O ser-para-si é consciência e vazio, enquanto que o ser-em-si é inteiramente preenchido por si mesmo e sem nenhum vazio. O ser-para-si contém uma abertura e, precisamente, uma abertura que possibilita ultrapassar seus próprios limites. Segundo François Noudelmann e Gilles Philippe, no *Dictionnaire Sartre*, Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004, pág. 389, o para-si é emprestado por Sartre da tradição filosófica, em particular de Hegel, que o utiliza para designar a personagem do eu, que se conhece a si próprio conscientemente, em oposição ao resto da realidade. De forma diferente do significado hegeliano, Sartre dá a esta noção de um significado muito particular : o para-si designa duas modalidades fundamentais de ser. Tão cedo quanto a introdução ao Ser e ao Nada, Sartre distingue entre dois tipos principais de ser-em-si, a saber, designa o conjunto das coisas ou objetos no mundo, e o ser para-si, que designa a consciência. O ser-em-si é o que é, já o para-si, pelo contrário, é negatividade.. A definição do para-si como o modo fundamental de ser da realidade humana é, sem dúvida, uma das maiores originalidades de Sartre. A escolha do termo "para-si" deve assim ser explicado pelo desejo de o distinguir da consciência entendida no sentido husserliano (cujo modo de ser permanece indefinido) e o Dasein de Heidegger, que não entende a consciência como uma dimensão fundamental. A conotação hegeliana do termo não deve, contudo, ser enganadora. Para Sartre, o processo dialético que incluiria o em si e o para-si nunca poderá formar uma unidade sintética, mesmo que o "eu" sonhe em ser "eu", este desejo é um desejo impossível, pois, o eu próprio permanecerá para sempre um nada ser.

características básicas do existir. As condições concretas dizem respeito à situação histórica do homem situado no tempo e no espaço.

O homem é um constante fazer-se, pois somos um projeto inacabado a transformar-se o tempo todo. “A realidade não existe a não ser na ação; (...) o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto dos seus atos”<sup>17</sup>. Para Sartre, ninguém nasce um herói, um gênio ou covarde, mas é o engajamento que faz com que assim se torne.

O homem ao perceber-se só em ter que tomar suas decisões se angustia diante da realidade, no entanto, a existência se revela no porvir das escolhas, no qual o para-si conta com sua liberdade para trilhar o caminho da construção do existir. O para-si se manifesta na abertura do vir-a-ser por meio da possibilidade de mudança. O para-si conta com a liberdade e o risco de suas escolhas autônomas, não se fixando a nenhuma identidade rígida, estando sempre voltado para fora, aberto ao mundo e às transformações que acontecem no mundo. O para-si se faz na possibilidade que corresponde à consciência no sentido fenomenológico, que não possui conteúdo, mas é puro direcionamento às coisas do mundo.

Segundo Gerd Bornheim, Sartre leva às últimas consequências o ser-para-si, isto é, é a existência gratuita e imotivada de um ser que, em seu ser, traz a negatividade ao mundo a partir da liberdade compreendida como indeterminação de ser. A partir da liberdade de um ser que se auto-determina surge o conceito-chave da ética: o valor. Assim como a liberdade é uma marca ontológica, o valor brota da consciência humana. O homem “é o ser pelo qual os valores existem.”<sup>18</sup> Por sua vez, o valor exige um fundamento, mas o fundamento está em aberto, pois, ao contrário, se o fundamento já estivesse dado, sua anuência destruiria a liberdade. Segue-se que “a liberdade é o único fundamento dos valores e que nada, absolutamente nada, me justifica ao adotar tal ou tal valor, tal ou tal escala de valores. (...) E minha liberdade se angustia de ser fundamento sem fundamento dos valores”<sup>19</sup>. Assim, como não há uma natureza humana que determine o que o homem deve fazer, também não há uma ordem pré-estabelecida de valores. Dessa forma, o homem se torna responsável pelos seus atos.

Contudo, “cada para-si é responsável em seu ser pela existência de uma espécie humana”<sup>20</sup>. “Sou responsável por mim mesmo e por todos os outros, e crio uma certa imagem

<sup>17</sup> SARTRE, Jean-Paul, O existencialismo é um humanismo, 3ª edição, São Paulo: Nova Cultura, 1987. (Os Pensadores), p. 13.

<sup>18</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 722.

<sup>19</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 76.

<sup>20</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 602.

do homem que eu escolho; escolhendo a mim, escolho o homem.”<sup>21</sup> De acordo com Gerd Bornheim, trata-se de uma criação de uma imagem um modelo, um valor a projetar-se em sua criação, efetivando a responsabilidade de si próprio e por todos.

Por sua vez, o fazer a si mesmo se aplica à acepção sartriana do compromisso. “Cada vez que o homem escolhe seu compromisso o seu projeto com toda sinceridade e com toda lucidez, qualquer que seja esse projeto, torna-se-lhe impossível preferir um outro.”<sup>22</sup> O homem passa a ser identificado por ser consciência compreendida como intencionalidade. Há no homem uma busca de ser, ele é habitado pela necessidade de compreender o fundamento representado pelo nada de ser, ou, em outras palavras, pela ausência de fundamento. Trata-se de um nada que se faz instaurador da realidade humana. O homem é impossibilidade de ser, e quando pretende fugir da responsabilidade do que faz, incide em má-fé.

Com efeito, “é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade, em seu ser, se problematiza para ela mesma.”<sup>23</sup> Ao sentir a responsabilidade e ter que assumi-la diante da realidade, o para-si convive com a angústia para fazer-se uma existência autêntica que pode ser viabilizada por meio do seu engajamento.

Todavia, é na obra “*Que é a literatura?*”, que é nosso foco de pesquisa central neste capítulo, ao qual Sartre dá um papel mais forte e importante ao engajamento a partir da prosa, pois a ficção ajuda a desvendar a condição humana por meio de situações limites onde as decisões das personagens são eminentes e dramáticas. Segundo Sartre, “É legítimo, pois propor-lhe esta questão: que aspecto do que você quer desvelar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvelamento, o escritor engajado sabe que a palavra é ação, sabe que desvendar é mudar e que pode desvendar senão tencionando mudar.”<sup>24</sup> O escritor tem papel fundamental nessa empreitada de direcionar o leitor a agir de forma consciente e concreta. Para Sartre “o escritor é mediador e por essência seu engajamento é a mediação”<sup>25</sup>, ele é o homem que nomeia o que não foi nomeado, que faz surgir o amor e o ódio entre duas pessoas que não haviam ainda decidido sobre seus sentimentos. “O escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua responsabilidade.”<sup>26</sup>

<sup>21</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 27.

<sup>22</sup> SARTRE, Jean-Paul, O existencialismo é um humanismo, 3ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987. (Os Pensadores), p. 79.

<sup>23</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 66.

<sup>24</sup> SARTRE, Jean-Paul, Que é literatura?, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 20.

<sup>25</sup> SARTRE, Jean-Paul, Que é literatura?, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 61.

<sup>26</sup> SARTRE, Jean-Paul, Que é literatura?, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 21.

É nisto que consiste, como já se disse neste trabalho, pois, o engajamento sartriano: no assumir algum tipo de pertencimento, assumir uma ação do homem para os outros homens, e a prosa é arte engajada porque nela a linguagem é signo e comunicação entre os homens. O engajamento é o desvelamento que o escritor, através da significação do signo, propõe ao leitor um espelho, obrigando-o a assumir ou a negar o que está vendo.

A fala do escritor é desveladora, isto é, projeta situações imaginárias de estados de coisas e comportamentos humanos. O estilo do escritor é valorizado na prosa, o prosador deve preocupar-se com o estilo, pois a forma como escreve deve impactar o leitor. É por meio do estilo que o leitor é atraído ao sentido que o escritor escreve. “O trabalho com a linguagem é um auxiliar necessário, é um meio de dar o objeto, e por isso deve ser considerado”.<sup>27</sup> Embora o escritor utilize recursos linguísticos, não é isso que deve ser sua primeira e mais importante preocupação. A beleza na prosa é apenas uma força indireta. É o estilo que determina o valor da prosa, mas deve passar despercebido, na medida em que as palavras são transparentes e o olhar deve atravessá-las e atingir o objeto. Todavia, a literatura engajada de Sartre não desconsidera a beleza e o estilo, pois, na medida em que é arte, a prosa é arte e engajamento ao mesmo tempo.

Assim, na prosa e pela prosa o escritor fornece a imagem crítica da sociedade que o lê, e por isso o engajamento sartriano só pode ser entendido na concretude histórica em que o homem se situa. A prosa engajada consiste nessa compreensão da ordem humana, no desvelamento das ações humanas através da qual nossos atos tornam-se refletidos a ponto de não termos como fugir à responsabilidade diante deles.

Ora, é nessa passagem do plano irrefletido (imaginação, criação) para o plano refletido (reflexão, análise) que a prosa se fixa, e por isso podemos dizer que ela desvela as ambiguidades humanas, os desejos e frustrações dos homens. “A obra é o fim, não meio para alguma coisa, não instrumento em vista de um fim. Porque é um fim em si mesma, ela só pode se propor a uma liberdade, como apelo, mas também, correlativamente, ela deve ser fruto de uma liberdade.”<sup>28</sup> Com efeito, se a prosa é o lugar próprio do engajamento e, por isso, ela desvenda o homem de forma implícita, então qual é sua relação com a filosofia?

A fenomenologia se define por aproximar-se da facticidade do homem descrevendo-o conceitualmente. A corrente filosófica a qual Sartre faz parte, a saber, o existencialismo, dá um papel central ao homem em situação, ao ser-no-mundo e, na medida em que a existência precede a essência, é o próprio homem que se faz livremente. É por essas definições que o

<sup>27</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 22.

<sup>28</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 46.

existencialismo recusa as abstrações e descreve o homem como universal concreto, pois apenas mergulhado na concretude histórica poderá desempenhar a condição humana. A literatura não passa a ser um exemplo simplificador dessa filosofia e nem mesmo se identifica a ela. A prosa, mesmo para uma filosofia fenomenológica, conserva sua particularidade e função.

Segundo Thana Mara, há uma dupla implicação entre filosofia e a prosa: se uma é capaz de descrever as ambiguidades e complexidades do homem através de uma linguagem imediata, a outra torna o vivido através de noções conceituais que, por serem universais, perdem a capacidade de descrever a situação concreta de um indivíduo. Enquanto uma retrata o vivido com todo o seu movimento e vivacidade, mostrando o que o homem faz, a outra torna esse movimento conceitual do que ele é.

As noções e conceitos de que a filosofia se utiliza, mesmo considerando que eles não são vistos como dogmas, permitem uma conscientização das ambiguidades e ao mesmo tempo impossibilitam a compreensão do vivido. Assim, a filosofia embora fale do homem como sujeito-objeto, não estuda o indivíduo enquanto tal.<sup>29</sup>

Do mesmo modo como não há uma superioridade da filosofia em relação à literatura por aquela tornar consciente as ambiguidades, também não há uma superioridade desta em relação àquela pelo fato de compreender o indivíduo. A relação entre fenomenologia e a prosa, assim como a relação entre a prosa e as outras artes, é de vizinhança: se a literatura aproxima-se da filosofia para conceitualizar seu retrato, a filosofia aproxima-se da prosa para retratar seus conceitos. A literatura descreve e retrata o homem de modo imediato e pré-reflexivo, já a filosofia o descreve tornando-o abstrato. Assim, a filosofia e a literatura se apresentam como dois momentos necessários da compreensão da realidade humana, pois se complementam. A prosa, então, não é entendida por Sartre como um exemplo simplificador da filosofia: elas são distintas e cada uma exerce um papel fundamental na compreensão da realidade humana. Não há uma superioridade da filosofia em relação à literatura e vice-versa, o que se vê é um compartilhamento entre elas.

A filosofia sartriana, ao se propor existencialista, reclama à literatura seu poder de retratar o indivíduo em sua subjetividade e temporalidade. É preciso considerar a importância da evocação sensível, realizada plenamente pela prosa. A literatura adquire então um papel fundamental não só no desvelamento das ambiguidades humanas, mas, também, de complementaridade com o projeto filosófico de Sartre.

---

<sup>29</sup> SOUZA, Thana Mara de, Sartre e a Literatura Engajada, Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 65.

A complementaridade entre a literatura e a filosofia, isto é, entre a descrição de personagens concretas e de conceitos universais, encontra-se, na verdade, espelhada pela forma como Sartre compreende a liberdade:

há então duas dimensões da liberdade: uma que constitui existencial e metafisicamente o sujeito e outra em que essa dimensão absoluta tem de se concretizar. E, embora o ser da consciência se defina como liberdade, ela só se realiza quando o homem assume a tarefa de tornar-se aquilo que já é. É um paradoxo da vida histórica: de um lado a consciência é identificada com a liberdade e de outro a liberdade é definida pela sua realização histórica.<sup>30</sup>

Dito de outro modo, o homem existe de modo contingente. O homem é liberdade, e a liberdade abre para as possibilidades de ser ao se relacionar com a facticidade. Sartre estabelece um vínculo intrínseco entre liberdade abstrata e liberdade de fato, entre o universal abstrato e o particular concreto, entre a metafísica e a história. No entanto, o que se tem é um universal concreto e uma metafísica que mergulha na existência humana, ou seja, uma metafísica que se dá e se encontra na história. De um lado se tem o homem que procura construir sua existência e, do outro lado, a inserção histórica. Por sua vez, a existência humana é temporal, e inserida na dialética histórica que não pode ser fechada em uma totalidade. É nesse movimento contingente que o homem está inserido e precisa reencontrar o sentido aberto de seu porvir no mundo que é construído por sua liberdade. Como podemos entender este processo?

---

<sup>30</sup> SOUZA, Thana Mara de, Sartre e a Literatura Engajada, Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 72.

### 1.3 - O processo da liberdade

A literatura serve como fonte para a tomada de consciência da historicidade. Apesar de tratar de personagens fictícias, a literatura pode suscitar atitudes reais e concretas. E ela (a literatura), ao permitir que o homem tome consciência de sua condição histórica, atua para desvelar o mundo. É necessário perceber que a literatura mostra personagens em ação e, por essa razão, provoca reações no leitor.

É aqui que ética e estética se tocam, ao ponto do valor estético da beleza e criação revestir-se de valor ético. É verdade que, para Sartre, estética e ética são duas coisas distintas, pois o belo é um valor que só se aplica ao imaginário: o objeto estético é irreal; o bem, por outro lado, é um valor implicado pelas condutas no mundo real. Contudo, ética e estética se tocam porque o valor estético requer a liberdade, seja do autor, seja do leitor, pois “a obra de arte, vista de qualquer ângulo, é um ato de confiança na liberdade dos homens”<sup>31</sup>.

O que isto quer dizer na prática? Isto quer dizer, em primeiro lugar, que o leitor tem papel ativo na constituição da obra. O leitor não apenas frui a obra, ele a interpreta segundo sua escala de valores. Seu papel está nesta formulação, pois é nela que ele experimenta sua liberdade criadora. O leitor recria, fazendo passar à existência aquilo que resta inerte em folhas de papel, assim, um livro só se torna um objeto estético com a participação do leitor. Ora, se o leitor é aquele que recria a obra, a leitura é o correlato dialético da escritura. Não se escreve para si mesmo. Desta forma, escrever é apelar o leitor, invocando a sua liberdade.

Escrever implica o reconhecimento da liberdade do leitor, pois o autor solicita a liberdade do leitor para que a obra exista, mas também solicita que o leitor reconheça a liberdade do autor. “Leitor e escritor travam um pacto, um “pacto de generosidade”, em que “cada um confia no outro”, em que minha liberdade, manifestando-se, desvela a liberdade do outro”.<sup>32</sup>

Assim, se o leitor, na medida em que lê, não é um simples consumidor, mas participante do objeto estético, ele também desvela a realidade. Do mesmo modo que o autor, ele também desvela o objeto estético tendo o mundo como horizonte de fundo. Assim como a escrita, a leitura também é ação, pois, como o autor, o leitor também se compromete com o valor das imagens, sendo responsável pelo que interpreta. De uma ponta a outra, é sempre de

<sup>31</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 51.

<sup>32</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 46.

liberdade que se trata. Pois é bem esta a finalidade da arte: fazer um pacto entre os homens. E, de acordo com Sartre:

Se quisermos ir mais longe, devemos lembrar que o escritor, como todos os artistas, procura dar a seus leitores certa afeição a que se costuma chamar prazer estético e que, de minha parte, eu preferiria designar como alegria estética; e que essa afeição quando aparece, indica que a obra está completa.<sup>33</sup>

A literatura atinge seu fim quando a liberdade do escritor suscita a liberdade do leitor. O leitor reconhece sua responsabilidade de ação e de transformação do mundo. Para Sartre, a leitura é recriação, pois “minha liberdade não se apresenta para si mesma apenas como pura autonomia, mas como atividade criadora, isto é, ela não se limita a outorgar a sua própria lei, mas apreende-se como constitutiva do objeto”.<sup>34</sup> O objeto estético, na medida em que é visado através do imaginário, é acompanhado pela consciência posicional de que o homem deve produzir livremente o valor, isto é, ser responsável pelo sentido da vida.

Em Sartre, “escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor.”<sup>35</sup> A liberdade é o valor máximo da literatura, pois “escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade”<sup>36</sup> - muito embora seja um valor constantemente ameaçado pelo determinismo e pela alienação. O livro se propõe como um fim para a liberdade do leitor possibilitando que este enxergue e compreenda a realidade que o cerca para a tomada de consciência. Por isso que podemos dizer que a leitura é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor, onde um conta com o outro, exige do outro tanto quanto exige de si. Os atos livres, reiterados pela consciência reflexiva, dão ao mundo uma face nova. O leitor deve desvelar qual é a ação imediata e necessária ao seu projeto de transformação no mundo.

Segundo Sartre, a liberdade não está dada, mas se perpassa numa situação histórica, onde cada livro propõe uma libertação concreta a partir de uma situação particular. Não se trata de uma consciência instantânea, mas sim de um processo que envolve nossa existência.

É esse mundo bem conhecido que o autor anima e impregna com sua liberdade, e é a partir dele que o leitor deve realizar a sua libertação concreta; ele é a alienação, a situação, a história, é ele que deve recuperar e assumir, é ele que devo mudar ou conservar para mim e para os outros.<sup>37</sup>

Sartre exige a beleza da prosa no exercício da literatura para que o homem torne-se mais pleno de conhecimentos, porém, é necessário um compartilhamento de valores éticos. A

<sup>33</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 47.

<sup>34</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 48.

<sup>35</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 49.

<sup>36</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 53.

<sup>37</sup> SARTRE, Jean-Paul, *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 58.

liberdade pressupõe a possibilidade de ações a partir de valores éticos tais como descritos pela filosofia. A prosa não considera as palavras como objeto, mas designação de objetos e, por isso, permite que a preocupação do escritor não seja exclusivamente com a beleza ou com a forma das palavras, mas com os objetos que visa.

A palavra, na prosa, é um instrumento, um meio de comunicação, e não um fim em si mesmo, como no caso da poesia. O escritor não tem em vista, para Sartre, a contemplação, já que, escrevendo do modo como escreve (vendo a palavra como signo e não como coisa), deseja comunicar algo aos leitores. É isso que faz da prosa uma atitude comunicativa. “Falar é agir: uma coisa nomeada já não é inteiramente a mesma, perdeu a sua inocência”.<sup>38</sup> A palavra tem o poder de tornar o ato falado um ato refletido, pois após algo ser mostrado, nomeado, é preciso o ato de assumir, reconhecer e mudar. Assim, nomear uma coisa é transformá-la, é fazer com que o autor desse ato não mais possa ignorar o que fez e se coloque de forma consciente em face às suas possibilidades.

A prosa não é uma arte inofensiva, pois além de desvelar a situação humana, esse desvelamento é realizado pelo projeto de transformar a situação. É no sentido de se comprometer com o mundo, de se responsabilizar pelas escolhas, de reconhecer que cada ato significa a aceitação ou a recusa de um estado de coisas, que a palavra prosaica se engaja.

Segundo Simeão Donizeti Sass, a obra de Sartre visa estabelecer a compreensão da realidade humana na qual pode-se dizer que o exercício de compreensão “é um movimento de aproximação do objeto de estudos, com uma particularidade, esse objeto é também um sujeito.”<sup>39</sup> À medida em que busca compreender a realidade humana, o homem toma consciência de uma particularidade de seu ser e também do mundo para realizar suas escolhas de forma engajada. Assim, o engajamento está presente em cada ato, em cada palavra dita, em cada silêncio: e a prosa é engajada por mostrar a responsabilidade de todos, por fazer com que os leitores não possam mais fingir que ignoram o sentido das palavras. O engajamento se dá pelo desvelamento que o escritor faz enquanto homem situado, através da linguagem-signo, das condutas humanas diante da qual o leitor também está situado, vê-se refletido de modo crítico e, com isso, vê-se obrigado a assumir ou a transformar o mundo. Isso é possível porque a prosa lida com a linguagem considerando-a como instrumento, signo, denotação de objetos. O prosador, quer ele queira ou não, fabrica uma imagem do mundo tanto para si, quanto para seus leitores. O engajamento só pode ser compreendido se aceitar-se que a finalidade da

<sup>38</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993, p. 20.

<sup>39</sup> SASS, Simeão Donizeti. *A noção de compreensão na filosofia de Sartre*, Sapere Aude – Belo Horizonte, v. 5 – n. 10 – 2º sem. 2014, p. 226.

escrita é a comunicação, que as situações das personagens da narrativa literária tornam-se um apelo que o escritor faz ao leitor se responsabiliza por suas atitudes.

É por meio do leitor que a obra literária atinge o objetivo; e é para possibilitar a existência de sua criação que o escritor apela ao leitor. O papel do leitor também se dá como criação, pois ele cria um novo começo, o qual só pode ser realizado por meio da liberdade. O escritor apela, portanto para a liberdade do leitor, para sua cooperação na criação da obra. Ao criar sua obra, ele pede ao leitor que a faça existir, e isso só é possível através de um exercício de liberdade por parte do leitor.

Para Sartre, a obra de arte só existe quando for vista ou lida, quando o leitor ou o espectador contribuem para a criação da obra. A obra se destina ao espectador, o apelo que o autor faz ao leitor para que este exerça sua liberdade é como um apelo que se destina à própria criação da obra. O leitor, a partir do exercício da leitura e de sua liberdade, deve enxergar as possibilidades que a realidade lhe oferece.

Segundo Simeão Donizeti Sass,

Primeiro é necessário admitir que todo homem é um existente mundano, um ser concreto e real que vive em um mundo real. Tal existência é a base de qualquer ação de “tomada de consciência”. A consciência humana não existe na forma de uma constante elaboração de teses sobre o mundo e si mesma. Essa consciência é vivência (...). Tal vivência pode (...) tomar consciência reflexiva de si, é esse movimento que torna possível o conhecimento de si e do mundo.<sup>40</sup>

Em outras palavras, a consciência revela ao para-si um espaço aberto a múltiplos conteúdos a partir dos quais a liberdade representa a nossa possibilidade de escolha. O homem se angustia devido às aspirações por aquilo que ele ainda não é, pois o que somos na verdade é um projeto de ser. O homem está lançado nas possibilidades de habitar e transformar esse mundo. O que vai revelar a escolha é ação. Ora, a Literatura fomenta subsídios para fazer a escolha e consequentemente agir por meio do poder de desvelamento e comunicação entre o que se quis dizer e o que o leitor compreendeu. Em outras palavras, a literatura é um saber. O saber da literatura é seu desvelamento do mundo, rico em desdobramentos e provocações.

Para Sartre, não há uma essência que defina o ser humano, mas há um movimento de vivência contínuo que vai formando o ser humano. Todavia, apesar de não haver uma essência para o ser humano, não há consciência sem corpo e um corpo sem consciência não é um ser humano. O ser humano habita um corpo que se revela de forma material, que pode ser definido, no entanto, se faz enquanto consciência de ser para-si em sua negatividade. A

---

<sup>40</sup> SASS, Simeão Donizeti. A noção de compreensão na filosofia de Sartre, Sapere Aude – Belo Horizonte, v. 5 – n. 10 – 2º sem. 2014, p. 233.

consciência contrasta com o mundo e provoca um processo dinâmico. A consciência revela o nada e vê os objetos a partir de sua nadação, de sua carência, de sua falta de ser em relação à identificação absoluta do ser em si com o repouso. A consciência de ser para-si exige o projetar-se do existir humano a partir da total liberdade diante de escolhas. A liberdade é a característica fundamental do ser-para-si.

Nesse movimento de sempre estar se fazendo homem surge a intencionalidade, que é o movimento da consciência ao dirigir-se aos fenômenos do mundo. A consciência visa os objetos do mundo. Esse movimento causa a angústia<sup>41</sup>, um certo mal-estar ao percebe-se que não se é pleno. O fazer-se se constrói na vivência, e paradoxalmente estar-se-a condenado à liberdade, pois não há uma essência predeterminada apta a salvar o fenômeno humano. O homem sempre pode alienar-se e agir de má-fé.

Contudo, a tarefa da literatura na filosofia sartriana é “dramatizar a condição metafísica da existência, mostrando como o homem constrói o Homem nos embates incertos diante da história”<sup>42</sup>, ou seja, é mostrar como a condição metafísica do homem se dá na própria existência, não existindo um universal abstrato que determine o que o homem singular e concreto é, sendo a liberdade o fundamento de todas ações e valores humanos. Como não há uma essência definida para o homem, o que lhe resta é a existência de um projeto de ser inacabado e situado historicamente.

A literatura adquire um papel fundamental, que é o de ajudar a compreender a condição humana. É na prosa que podemos ver de maneira clara a “paixão inútil”<sup>43</sup> da busca de nossa compreensão.

A função da literatura é devolver a imagem da sociedade a si própria, pois poderá negar o processo de alienação e ao mesmo tempo afirmar valores éticos. Com isso, ela estará realizando o trabalho de negação próprio da literatura, mas que não se esgotará em si mesma, pois se apresentará ao mesmo tempo como meio de superação daquilo que é negado. Através

---

<sup>41</sup> Sartre usa o termo angústia para descrever o reconhecimento da total liberdade de escolha que confronta o indivíduo e o desafia a cada momento de sua existência. Segundo François Noudelmann e Gilles Philippe, no *Dictionnaire Sartre*, Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004, pág. 32, a angústia: "É nada mais do que a liberdade ao tomar consciência de si mesma como o seu próprio nada". "A angústia é a apreensão reflexiva da liberdade por si mesma". A angústia é um sentimento que faz parte da condição humana e que nos coloca realmente presentes diante do que estamos vivendo num dado momento. A angústia ocorre quando tomamos consciência de nossa liberdade de escolhas ou de nosso vazio existencial.

<sup>42</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Metafísicas e Histórias no romance de Sartre*, Revista Cult, p. 63.

<sup>43</sup> Essa expressão aparece na última página da obra “O Ser e o Nada” e quer dizer que sempre seremos um ser em cujo ser a falta ou o desejo de ser fala mais alto, ou seja, não somos deuses ou realidades que são causas de si e das coisas, mas projetos em busca de ser.

da literatura, a superação da alienação permite a relação entre ética e literatura por meio de uma práxis transformadora que não só descreve o mundo, mas transforma-o.

Desta forma, a literatura se torna um instrumento de desvelamento, permitindo a compreensão da ordem humana. Entre a forma filosófica e a forma literária existe uma intersecção ou uma passagem contínua de uma a outra, a literatura adquire um papel fundamental não só no desvelamento das ambiguidades humanas, mas também a “vizinhança de comunicação” com a própria filosofia de Sartre.

Em termos sartrianos, o homem é aquilo que fizer de si mesmo. O homem tem em suas mãos o que pode torna-se. E isso envolve escolhas. Escolhas essas que, mesmo sendo subjetivas e individuais, estão sempre relacionadas aos limites da própria realidade humana. O homem é responsável por suas escolhas, ele é livre. E nesse processo não há certezas e modelos que possam servir de referências. Cabe ao homem inventar o próprio homem e jamais esquecer-se que é de sua responsabilidade o resultado de suas realizações. A responsabilidade humana de assumir a consciência de sua liberdade também permite o aparecimento de alguns sentimentos: angústia, desamparo, desespero. A angústia revela o sentimento de cada homem diante do peso de sua responsabilidade e das consequências das suas escolhas. O desamparo é o sentimento pelo qual o homem percebe-se só, para tomar suas decisões. Já o desespero é o sentimento que se dá por não haver certezas e verdades prontas.

Ora, não só da vontade individual depende o mundo objetivo que impõe à liberdade limites e impedimentos. A partir das possibilidades perante a realidade concreta, se faz necessário decidir agir. Não há um modelo ou meta pré-determinada a ser seguido. O homem cria seu modelo e seus valores para concretizar o existir humano.

Segundo Sartre, o homem é levado a pensar nas suas ações e é por meio de seu comprometimento que direciona seus atos em relação aos outros homens, já que, ninguém nasce herói, covarde, gênio, mas, torna-se. Por isso, conscientemente o homem deveria escolher o que é. Por outro lado, a liberdade implica que sempre se pode modificar o projeto de ser, já que nenhuma escolha é definitiva. Dito de outro modo, a existência se dá por um projeto de ser que não alcança a plenitude. E com isso, a liberdade é um campo de ações possíveis a partir da instituição de valores.

Ao instituir valores é implicitamente negar valores, devo optar por um único critério, e quando o faço, os outros não permanecem como virtualidades positivas, mas se desvanecem como não valores. (...) só posso escolher um negando os outros, e então aquele que escolho torna-se universal; naquele momento, ele é o único capaz de orientar minha escolha<sup>44</sup>.

<sup>44</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e literatura em Sartre Ensaio Introdutório*, Editora UNESP, 2003, p. 147.

Em outras palavras, a realidade humana exige a criação de valores. Ao se instituir valores, passa-se a estabelecer um critério a ser efetivado por meio da ação individual, naquele momento segue-se com critério e abandona-se os outros, por meio de sua liberdade. O exercício da liberdade é sempre uma ocasião para instituir valores, pois o mundo se constitui como objeto para pensar e agir nele. Segundo Franklin Leopoldo e Silva,

A cada decisão, o para-si se revela a si próprio no processo contínuo de seu fazer-se, pois é escolhendo-me que me faço ser. Nesse sentido, minha relação com o mundo e comigo mesmo ocorre sempre pela liberdade e na liberdade. O que apreendo do mundo é o que ele me revela de si a partir das maneiras como escolho conduzir-me nele.<sup>45</sup>

Com efeito, o que se apreende acerca de si mesmo também advém das escolhas, porque é por meio delas que se experimenta a força e os limites, os quais dependem dos projetos a realizar-se. Alguém poderia objetar que as coisas e os acontecimentos do mundo não dependem de si próprio. Isso é correto, mas a maneira como se constitui a situação inclui tanto em estar presente em meio à facticidade que permeia a realidade quanto a atribuição de significações.

Na medida em que se escolhe um valor, deve-se segui-lo como o único e a partir deste momento negar outras possibilidades. Assim, é necessário colocar o valor escolhido em prática e conseqüentemente assumir as conseqüências das escolhas feitas, ressignificando a realidade. Dessa forma,

a existência repercute no mundo: como o existente tem de criar continuamente os valores a partir dos quais se posiciona no mundo, é como se o existente o construísse nessa relação, porque o processo de constituição do si do para-si está calcado nessas relações que o para-si institui com as coisas.<sup>46</sup>

Isto quer dizer que as coisas somente são para o para-si quando significam valores a ele. O homem é o agente significante do mundo. A liberdade subjetiva tem, portanto, desdobramentos sobre o mundo objetivo. O desvelamento é fruto da inerência da consciência no mundo. Conclui-se disso que a consciência revela-se no compromisso com as escolhas concretas. Todavia, existir é contar com a condição de liberdade e estar lançado no mundo com um processo histórico em andamento. Essa percepção da realidade passa a ser constituída pela consciência da historicidade. Desta forma, em que medida poder-se-á verificar a relação da liberdade com a historicidade?

---

<sup>45</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e literatura em Sartre Ensaios Introdutórios*, Editora UNESP, 2003, p. 150.

<sup>46</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e literatura em Sartre Ensaios Introdutórios*, Editora UNESP, 2003, p. 151.

## 1.4 - A liberdade e a historicidade

A realidade humana possui categorias existenciais concretas. A condição humana deve, portanto, ser compreendida em termos de existência histórica. A concretização da identificação da existência se faz no processo de assumir de forma consciente a história que é dada a ser percorrida. O homem, apesar de se relacionar com as contingências da história, também conta com sua liberdade de escolha para tomar suas decisões e enfrentar as responsabilidades que se dão na construção de seu projeto de existir. Há uma dialética que atravessa a subjetividade e a historicidade, pois se tem a inserção da história individual na história geral: o homem faz a história que o faz. Segundo Franklin Leopoldo e Silva:

a história de um indivíduo é a história de uma liberdade como processo concreto de existência. E contar essa história é fazer uma descrição moral porque a maneira pela qual cada indivíduo se constitui é uma espécie de construção ética subjetiva. Com efeito, a continuidade da existência é processo que nunca se completa, pois nunca atinge a totalidade, deve ser entendido como as opções subjetivas que se sucedem no tempo da existência, aquele em que o sujeito assume a cada momento seu passado, atribuindo-lhe um sentido, e se projeta no futuro a partir da liberdade em que se reconhece no presente.<sup>47</sup>

O indivíduo é uma história individual inserida na História geral. A escolha de cada indivíduo é limitada e possibilitada por tudo aquilo que o rodeia, mas depende da significação que se atribui aos fatos para desempenhar a liberdade de agir. Assim, existir é estar no mundo em uma dada situação histórica. Segundo Franklin Leopoldo e Silva, “a liberdade é sempre situada, isto é definida historicamente; essa situação define o sujeito, o qual, porém, como sujeito da história, redefine a situação através dos significados que atribui livremente aos fatos com que se defronta no exercício da sua liberdade”<sup>48</sup>. Por isso, se considerada dessa maneira, a situação histórica constitui ao mesmo tempo as possibilidades e os limites da liberdade. A compreensão da existência não significa apropriar-se de um dado, mas comprometer-se com uma tarefa, com algo a se fazer. É a ação que configura o ser-para-si e o que irá se fazer com o valor escolhido que se vislumbra a ética sartriana. É nesse sentido que a ética aparece, pois deve-se assumir de forma responsável as escolhas que se faz. Segundo Franklin Leopoldo e Silva, Sartre faz uma descrição moral a partir da subjetividade concreta, retratando o sentido

<sup>47</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Política em Sartre*, Limiar, Volume 1, 2013, p. 4.

<sup>48</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Política em Sartre*, Limiar, Volume 1, 2013, p. 5.

ético dos projetos humanos. No entanto, a subjetividade concreta nos indica que é na descrição da história do indivíduo, isto é, na compreensão de como cada sujeito constitui sua história ao mesmo tempo em que é constituído por ela, que pode-se encontrar as possibilidades de ação.

Nesse sentido, a descrição moral é entendida como narrativa da história dos indivíduos e dos grupos, de tal modo que essa narrativa, que é a da (auto)constituição da subjetividade, fosse ao mesmo tempo a descrição das escolhas constituintes desse processo e da invenção dos valores imanentes às opções, e ao qual designamos como existência.<sup>49</sup>

Assim, a criação de valores não é um lugar comum retórico ou eloquente, mas algo comprometido com a subjetividade. O indivíduo é uma história individual situado historicamente, a qual precisa-se tomar consciência dessa realidade. Nessa tomada de consciência exige-se um agir ético que se dará a partir do próprio desvelamento do processo histórico que envolve os indivíduos. Em outras palavras, a condição humana deve ser compreendida em termos de existência histórica. Isso significa a inerência da história individual na história geral: o homem faz a história que o faz e conta com a sua liberdade para continuar a história.

A liberdade, como mostra Sartre, é sempre situada, isto é, definida historicamente; essa situação define o sujeito, o qual, porém, como sujeito da história, redefine a situação através dos significados que atribui livremente aos fatos com que se defronta no exercício da sua liberdade. A situação histórica, considerada dessa maneira, constitui ao mesmo tempo a possibilidade e os limites da liberdade.<sup>50</sup>

Não há como escapar da liberdade que constitui o ser-para-si. A liberdade não está no papel, mas nas realizações concretas da nossa existência. Em nossa existência há muitas contingências, isto é, não há como controlar todos os acontecimentos, mas pode-se escolher o significado que esses fatos implicarão na construção do existir humano.

Contudo, na literatura a partir de sua linguagem em forma de comunicação, mais precisamente, no romance, podemos desvelar a existência humana. Para proporcionar o desvelamento de forma concreta, a narrativa nos apresenta personagens individuais em situação. O aporte da literatura está precisamente neste ponto. Não basta refletir a situação histórica. O romance deve ser espelho crítico da realidade, isto é, a narrativa de ficção deve revelar ao leitor algo dele mesmo e da sociedade. Por isso que, em Sartre, a escrita se faz como um apelo à liberdade do leitor. A literatura ajuda a alimentar o ser na própria construção do para-si.

<sup>49</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Política em Sartre*, Limiar, Volume 1, 2013, p. 3.

<sup>50</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Política em Sartre*, Limiar, Volume 1, 2013, p. 5.

Essa relação não significa apenas que o escritor escreve para o leitor; ela envolve uma participação ativa do leitor, como se ele completasse a obra. A leitura é parte constitutiva da obra: o leitor constitui as significações a partir da sua experiência, e o encontro dessa experiência com a experiência que o escritor pôs em obra só é revelador se compreendido a partir das duas dimensões.<sup>51</sup>

A liberdade do escritor apela à liberdade do leitor, ambos atendem ao apelo da história, que é propriamente o lugar da tensão e do encontro das liberdades. O homem surge no mundo e só depois ele se define. Não se é uma página em branco, pois todo indivíduo está inserido no conjunto de determinações sociais que não depende de sua escolha. Segundo Franklin Leopoldo e Silva,

Historicidade significa que a história somente existe na medida em que o homem a faz fazendo-se ser histórico, o que implica tanto as determinações objetivas que nos constituem quanto as possibilidades de negá-las e superá-las pela liberdade. Assim, a história é sempre de todos e de cada um; do gênero humano e de cada homem; de uma sociedade e de cada indivíduo que a constitui; de uma época e de cada sujeito que a vive; de tal modo que a universalidade somente existe na diversidade da expressão singular e a singularidade só faz sentido a partir do lastro de universalidade que a constitui.<sup>52</sup>

Em outras palavras, a historicidade revela o conjunto dos fatores que constituem a história de uma pessoa, mais que isso, que se faz parte da história. Ao mesmo tempo em que o ser humano é indivíduo, torna-se e realiza-se enquanto ser através da relação com os outros homens.

Quando dizemos que o indivíduo é histórico, que a comunidade é histórica, não estamos dizendo que eles são submetidos à história, mas sim que são históricos num sentido intrínseco, em que a diferença entre indivíduo e história, entre grupos humanos e devir histórico é definida como relação sintética, isto é, como diferença constitutiva de totalização perpetuamente em curso. Dar a conhecer essa relação, interrogar como ela está sendo vivida numa dada época que constitui uma situação histórica é a função da narrativa de romance enquanto espelho crítico da sociedade.<sup>53</sup>

Na citação acima, se pode observar que a relação entre indivíduo e historicidade promove experiência e se constitui na interpretação do significado da história por meio do compromisso de desvelar o mundo. Esse desvelamento revela uma função social estendida à literatura. Assim,

O escritor fala a seus contemporâneos e age através da palavra ao apresentá-los não uma representação qualquer, mas um espelho que os reflita criticamente e que os provoca a responder pela leitura enquanto ressignificação da escrita. É a construção desse espelho crítico que podemos

<sup>51</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Política em Sartre*, Limiar, Volume 1, 2013, p. 6.

<sup>52</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Política em Sartre*, Limiar, Volume 1, 2013, p. 6.

<sup>53</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Política em Sartre*, Limiar, Volume 1, 2013, p. 7.

entender como sentido ético e político da literatura, se tal construção corresponder à descrição da intersubjetividade no plano das práticas constituintes da existência histórica.<sup>54</sup>

A literatura engajada revela não só a situação atual da realidade, mas também a historicidade, viabilizando a mediação necessária para que o homem tome consciência de sua alienação. Todavia, não se trata de recusar totalmente a cultura, mas de mostrar aos indivíduos o que eles são. E cabe-lhes decidir o que fazer com isso. É necessário o despertar crítico e reflexivo na constituição da própria existência para agir no mundo e escapar da condição de alienação. A liberdade pode impulsionar a ação de constituir-se e de apropriar-se do mundo. No entanto, dentro de um aspecto sartriano, essa ação nunca alcança a totalidade, pois somos um projeto inacabado em constante transformação. A história é o elemento no qual o homem se movimenta no exercício constituinte de sua liberdade. “Pois o sujeito é agente histórico, livre e responsável, e não um mero reflexo das condições objetivas; por outro lado o exercício dessa subjetividade e dessa liberdade, no elemento da história, ocorre a partir de uma interiorização das determinações históricas.”<sup>55</sup>

Segundo Simeão Donizeti Sass, “toda a vez que um homem toma consciência de uma particularidade de seu ser, esse conhecimento altera a consciência que ele tem de si mesmo,”<sup>56</sup>. Assim, pode-se perceber que todo o conhecimento funda-se em uma consciência, que é a intencionalidade de uma existência que se elabora em relação com o mundo.

Para Simeão Donizeti Sass, Sartre, ao desenvolver uma investigação antropológica, considera o projeto pessoal. “Se determinações sociais e materiais existem, elas somente são vividas concretamente por cada pessoa, ou seja, de forma individual, sem serem uniformes e válidas para todos da mesma maneira.”<sup>57</sup> Em outras palavras, à medida que o ser humano conhece outro ser humano, conhece algo de si mesmo. Todo o ser humano possui condições de compreender a sua existência ao estabelecer relações com o outro e o mundo a partir de suas vivências. Esse processo é possível à medida que há a tomada de consciência no movimento constante do ser-para-si. Para Sartre, “o fundamento da antropologia é o próprio homem, não como objeto do Saber prático, mas como organismo prático produzindo o Saber como um momento de sua práxis.”<sup>58</sup>

<sup>54</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Política em Sartre*, Limiar, Volume 1, 2013, p. 7.

<sup>55</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, *Para a compreensão da história em Sartre*, USP, 2004, p. 34.

<sup>56</sup> SASS, Simeão Donizeti, *A noção de compreensão na filosofia de Sartre*, Sapere Aude – Belo Horizonte, v. 5 – n. 10 – 2º sem. 2014, p. 226.

<sup>57</sup> SASS, Simeão Donizeti, *A noção de compreensão na filosofia de Sartre*, Sapere Aude – Belo Horizonte, v. 5 – n. 10 – 2º sem. 2014, p. 234.

<sup>58</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. Tradução de Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 190.

É no propósito do conhecimento da realidade humana que a intersecção entre literatura e filosofia recai sobre a dificuldade existencial e metafísica da própria compreensão do que o homem é. A literatura possibilita comprometer-se, enxergar a realidade através da imaginação e refletir livremente sobre a realidade. Compete aos seres-para-si, determinar os valores para orientar a ação. A literatura coloca as personagens em situações limites, desvendando as motivações morais e existenciais da ação. O compromisso ético se faz presente em toda a filosofia de Sartre. E nesse sentido, é necessário desenvolver uma consciência reflexiva de si e do próprio contexto ao qual se está inserido.

De que forma desenvolve-se essa consciência reflexiva? A consciência se faz presente em Sartre a partir de três modalidades: percepção, imaginante e reflexão. A consciência imaginante, é quando se imagina, cria o objeto por meio de reflexão. No entanto, é necessário também manter uma relação com a consciência perceptiva, que se faz presente em observar o objeto na própria realidade existente. Já a consciência reflexiva concebe e conceitua o objeto. Em Sartre, a consciência não deve ser objeto de uma autonomia apenas reflexiva, mas, também perceptiva e imaginante. Não se trata de uma emancipação teórica, em pensamento, mas intersubjetiva, isto é, engajada na realidade social e comum a todos.

Por sua vez, a literatura em prosa deve se fazer por meio do engajamento, consistindo na compreensão da ordem humana e das ações humanas, permitindo aos atos serem refletidos e comunicando o desvelamento das ambiguidades humanas. A prosa se dá pelo ato da comunicação através das palavras e é o sentido dessas que deve ser considerado. As palavras proferidas podem ser desveladoras e críticas, pois o que é dito não pode ser ignorado. Deste modo, a prosa está presente na estética por estar no campo da significação tratando da beleza no campo do imaginante, e está na ética na medida em que toda significação implica um comprometimento com o que é dito.

Ao ler o livro, o leitor encontra-se desafiado pelas decisões dos personagens e passa a pensar em si mesmo de forma a esclarecer a própria existência, comprometendo-se com o que foi lido. Por isso a prosa é engajada, pois requisita o comprometimento do leitor perante do mundo. A prosa faz o leitor refletir sobre si e sobre o mundo. O prosador utiliza das palavras como um instrumento para comunicar ao leitor sobre algo e cabe ao leitor desvelar o que leu.

Esse é o caminho a que se deve percorrer na literatura, especificamente na arte da prosa, na qual se permite o processo de autoconhecimento e transformação da realidade. O homem, por ser um projeto de ser, vive suas experiências, sua individualidade, mas não está só no mundo e por isso precisa assumir de forma consciente a história como o conjunto de determinações sociais em que vive.

O engajamento no ato de desvelar, passa a ter o sentido de libertação, emancipação, e esta possibilidade é o *télos* da literatura em prosa. O homem, sem desconsiderar os encantos da literatura, engaja-se, compromete-se com o que leu, passa a enxergar, abrir seus olhos na busca de compreender a si e o mundo ao fugir do processo de alienação.

Esse ato de comprometer-se, desvelar-se a partir da literatura, proporciona a tomada de consciência. E então, a partir da significação do que se leu, há a necessidade de refletir e posicionar-se diante da ação que irá realizar na construção de seu projeto de ser. Ora, a ação possui criação de valores éticos. E, nesse sentido, encontra-se o compartilhamento de comunicação entre literatura e filosofia, pois a literatura proporciona por meio da significação das palavras a revelação, o desvelamento ao retratar o que homem faz.

O homem existe na sua contingência e é sua conduta que representa o exercício da liberdade. Existir é estar no mundo em uma dada situação que é definida e delimitada. A situação a qual estamos inseridos é sempre histórica, ou seja, em um tempo em um lugar. O sujeito livre é sempre um agente histórico. A história nos determina e ao mesmo tempo nós a fazemos.

Mas isso não se torna um paradoxo? Em um primeiro momento, a liberdade é limitada porque defronta-se com os obstáculos, índices de adversidades. No entanto, a liberdade se faz como fonte de possibilidades de escolhas e, do sentido que se vai atribuir aos fatos que nos rodeiam. As possibilidades se abrem através da significação que se dá ao processo ao qual está inserido e como decidir agir no mundo. Verifica-se assim o movimento dialético da liberdade. As condições históricas não anulam a singularidade do indivíduo porque cada um vive singularmente, subjetivamente essas condições por meio das histórias pessoais que exprimem cada um a sua maneira à uma história que é de todos.

A existência se dá a partir da experiência humana e essa se encontra na história. A história representa as determinações sociais. O sujeito existe para si e para os outros. Nesse sentido, somos sujeitos e objetos para outros sujeitos, e o que cada um vai fazer de si inclui aquilo que ele faz dos outros. Do mesmo modo que observa-se o outro, também se é observado.

Assim, estar no mundo é viver a intersubjetividade com todas as contingências do processo histórico. Trata-se de um processo que é conflituoso, pois não se vive sozinho. A liberdade implica a do outro e vice e versa. Assim, as condições históricas não anulam a singularidade do indivíduo, pelo contrário, exigem que cada sujeito, decidindo por si mesmo, coloque-se no lugar do outro.

Em outras palavras, a liberdade de um indivíduo implica na liberdade do outro, pois os indivíduos estão em comunicação e são objetos um dos outros. Através do conflito, as ações e escolhas dos indivíduos se chocam entre si. Por essa razão, cada um vive uma história individual inserido na história geral, e isso faz lembrar que a história acontece como limite e possibilidade do exercício da liberdade. Enquanto limite, as adversidades estão presentes na existência, mas cabe ao indivíduo interpretar o sentido dos fatos históricos e superá-los. A liberdade se encontra ligada a um saber voltado para as ações a partir de um projeto inacabado de ser. Para corroborar a eficácia da ação, a literatura auxilia a desvelar e comunicar o mundo através do compromisso filosófico-reflexivo que mobiliza valores éticos para a realidade humana.

Muitas vezes o que se quer é apenas abrir a porta esperando que essa seja certa e encontrar uma resposta pronta que lhe sirva de base na busca de desvelar a realidade humana. Mas saber de antemão a escolha certa não é possível. A busca da compreensão do que é o homem seja na sua condição de ser humano ou enquanto indivíduo movimenta o processo da sua própria estrutura de ter que fazer-se em seu existir. Em meio às dúvidas do que vai se tornar e a necessidade de assumir o que é, dá-se a construção do projeto de ser de cada um. Depara-se, então com uma condenação de liberdade a qual cabe a cada um tomar suas decisões perante as suas inúmeras escolhas. É preciso assumir a responsabilidade de estar lançado em um mundo em vias de ser e aprender a conviver com o outro. O movimento de desvendar a realidade humana revela que somos um para-si em ação no mundo. Na tentativa de desvelar a realidade encontra-se na literatura um espelho legítimo do ser-para-si. A literatura é comunicação, promove a significação da realidade na qual se está inserido. Mas é necessário engajar-se, comprometer-se, assumir a consciência de si. Esse processo não é fácil, pois, a cada situação nova que se depara, a angústia reaparece. Isso acaba por provocar uma “crise de consciência”, uma angústia e até mesmo um “mal estar” como um incômodo que nos acompanha constantemente. Abre-se assim o precedente para que o para-si, ao fugir da angústia, acabe por agir de má-fé, camuflando sua própria existência e vivendo uma situação de inautenticidade.

“*Que é literatura?*”, publicada no ano de 1947, descreve o pensamento sartriano segundo o qual o engajamento se propõe a desvelar a realidade humana. Agora, no segundo capítulo, examina-se na obra “*O ser e o nada*”, publicada em 1943, os seguintes conceitos: 1) a intencionalidade/negatividade do ser para-si, que lhe configura a condição de projeto incompleto, destinado à angústia de ser o que não é e não ser o que é; e 2) aliado à angústia, o conceito de má-fé (como fuga de angústia e alienação da liberdade). Através da literatura

engajada depara-se com a narrativa de personagens que espelham o mundo vivido. É uma narrativa de ação, mas, mais do que isso, do drama implicado pelas escolhas dos personagens e das consequências dessas escolhas. No próximo capítulo examinar-se-a a dialética da situação humana diante da compreensão de sua condição existencial. Mais especificamente, será investigado as condições para o exercício da má-fé. O estudo da relação entre liberdade e facticidade, em oposição a uma perspectiva meramente abstrata, permite que se compreenda o homem em sua condição existencial a projetar-se em seu nada de ser mediante as escolhas que precisa tomar para viver. Esse nada de ser pode transforma-se em projeto inautêntico, no caso da má-fé, e autêntico, no caso da angústia. Diante da liberdade, o para-si experimenta a angústia e se depara com as possibilidades que abrem-se a sua frente à serem enfrentadas. Uma maneira de tentar evitar essa angústia é o que Sartre chama de má-fé, quando se desiste de assumir a responsabilidade de escolha. Assim, se faz necessário à construção do segundo capítulo para tratar dos aspectos relacionados ao exercício da má-fé na conduta do ser humano. O segundo capítulo, que tratará da má-fé, está ligado ao primeiro, pois o desvelamento da realidade proposto pelas narrativas de ficção acentua o drama da existência e a angústia de ser-para-si.

## Capítulo 2 - O EXERCÍCIO DA MÁ-FÉ

*“É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade, em seu ser, se problematiza para ela mesma.”*

(Jean-Paul Sartre)

Agora que já tratou-se alguns aspectos éticos presentes no engajamento da literatura, analisar-se-á a má-fé, pois a partir dela será possível reconhecer em que medida a conduta humana está ameaçada pela inautenticidade. O desvelamento do mundo presente nas obras literárias é testemunha de que a realidade humana não alcança a realização plena do que visa. Ao contrário, revela a liberdade concreta, em situação, onde há angústia e má-fé.

A concepção do filósofo Jean-Paul Sartre sobre a filosofia existencialista enfoca a liberdade radical que todo ser humano enfrenta. Na ausência de qualquer natureza humana fixa ou de padrões externos absolutos impostos aos indivíduos, o homem é um projeto aberto e inacabado de sentido. No entanto, as pessoas apresentam dificuldades em lidar com tal liberdade e acabam por camuflar sua existência. Para Sartre, o homem se angustia, sente o peso de ter tomar decisões e assumir as consequências de suas escolhas, então, desperta-se a vontade de fugir da responsabilidade, mascarando-se a própria existência, passando a agir de má-fé. Na filosofia sartriana a má-fé é a tentativa de dissimulação da angústia. Assim, Sartre chama de má-fé o poder que a consciência tem de negar-se a si mesma.

Segundo Fábio Caprio Leite, o conceito de má-fé, concebido por meio da ontologia fenomenológica sartriana, permite buscar um caminho em direção a uma filosofia moral da existência. Considerando-se as premissas ontológicas sobre o modo de ser do Para-si-para-outro, a liberdade é uma condição existencial. Essa condição pode ser assumida na angústia ou encoberta na má-fé.

Ao assumir a angústia, a consciência assume a sua liberdade em situação. No entanto, ao fugir da liberdade de ser-para-si, o homem age de má-fé. Essa fuga da angústia é provocada pelo peso da responsabilidade. A má-fé se instaura quando o homem tenta escapar do que ele é em busca do que ele nunca será. Por se configurar como um ser inacabado, o

para-si jamais será como um ser em-si, pleno, perfeito, constante e completo. O exercício da má-fé instaura-se para proporcionar alívio imediato com tendência a repetir-se indefinidamente. Dessa forma, o homem poderá desenvolver uma conduta autêntica – através da angústia - ou inautêntica – através da má-fé - diante das escolhas que irá realizar para efetuar suas ações e a construção do seu existir.

Embora Sartre não tenha elaborado filosoficamente uma resposta sobre as consequências morais da má-fé, há, no conjunto de sua obra, elementos que permitem esclarecer este problema. A conduta autêntica coloca como fim a liberdade em situação frente ao outro. Justamente porque a má-fé tem consequências morais é que a autenticidade deve ser preferida e buscada. A angústia significa a apreensão reflexiva, e revela-se à própria consciência. O homem se angustia com o que deve ser feito, visto que ele se depara com ter que agir diante das possibilidades. Se a angústia trazida pela liberdade revela que os possíveis do homem são angustiantes é porque dele depende o caminho a ser seguido. Segundo Perdigão,

Sartre chegou à seguinte definição: enquanto o Em-Si *é o que é*, o Para-Si *não é o que é e é o que não é*. Explicando: por causa da transcendência, o Para-Si *não é o que é*, pois se coloca à distância de si enquanto Ser, pelo recuo nadificador. Mas, por causa da facticidade, o Para-Si *também é o que não é*, ou seja, tem de ser esse Ser que não é: embora me coloque à distância do Ser que sou, tenho de ser *este* Ser com o qual não coincido inteiramente. Não posso escolher-me Nada de outro Ser. A minha maneira de “não ser eu mesmo inteiramente” é única e não pode ser outra. Daí a fórmula de Sartre: não somos o Ser que somos, mas igualmente somos este Ser que não somos.<sup>59</sup>

Na citação acima, Perdigão usa a fórmula sartriana de que o ser para-si não é o que é e é o que não é para explicar a negatividade do para-si. Se o em-si é um ser que existe positivamente, o ser para-si é pura negatividade. Negatividade por não ter uma essência inata e pré-estabelecida, negatividade por ter a consciência de ser transcendente aos outros seres, negatividade por não ser pleno ou perfeito. A consciência tem como principal característica ser inacabada por estar sempre faltando algo para completar o seu ser cheio de nada ou vazio de tudo. O para-si é um ser eternamente vazio.

Em outras palavras, o ser para-si se faz como negatividade inserido no coração do mundo ao qual o próprio ser está em questão, a partir de um espaço e de um tempo. É o próprio tempo que deve ser pensado de outra forma. Não existe um antes ou depois que venha a ocupar o lugar do presente. Uma decisão tomada no passado, assim como as decisões

<sup>59</sup> PERDIGÃO, Paulo, Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre, Porto Alegre, L&PM, 1995, p. 49 e 50.

futuras, não apagam o aqui e o agora. Não só o futuro, mas também o passado faz parte das possibilidades das ações do para-si no tempo presente, o que acaba por provocar o mal estar conhecido como a angústia na tomada das decisões.

## 2.1 - O nada

A má-fé é um tipo de negação interna, na medida em que a consciência volta sua negação para si mesma. O homem de má-fé tem consciência de tudo que busca esconder, mas como em um pacto, ele nega que sabe. Todavia, o que angustia o ser para-si é o abismo que existe entre o nada que habita o seu ser e suas possibilidades. O nada é captado quando os seus possíveis são separados do futuro, por sua própria liberdade. O que o homem escolhe como seu projeto é nadificado pelo futuro, por ser apenas uma possibilidade sua. Se o futuro ainda não existe e o homem não sabe se poderá concretizar seus possíveis, o cotidiano humano é angustiante, já que o homem não conhece o que deve ser feito e quais as consequências de seus atos.

Contudo, o nada<sup>60</sup> surge da relação do homem com o mundo, da interrogação como atitude humana dotada de significação. Para que haja interrogação é necessário haver uma relação entre o ser que interroga e o ser interrogado e dessa relação se tem uma espera como a que antecede a resposta do ser interrogado. A interrogação leva à possibilidade de uma resposta negativa e a resposta permite ver a existência do nada como não ser, ou seja, com aquilo que falta ao ser. Eis um exemplo do próprio Sartre, sobre a interrogação e sua resposta negativa.

Penso que há na minha carteira mil e quinhentos francos, mas só encontro mil e trezentos: pode-se afirmar que a experiência não revelou em absoluto não ser de mil e quinhentos francos, mas apenas que contei treze notas de cem francos. A negação propriamente dita é atribuível a mim: só apareceria ao nível de um ato justificado pelo qual estabeleço comparação entre o resultado esperado e o resultado obtido.<sup>61</sup>

A negação surge da expectativa de encontrar algo que não existe, como na citação acima, sendo que o nada é o vazio esperando pela resposta. A negação encontra-se na origem do nada. Ela nada diz ao em-si, pois ele simplesmente está lançado no mundo, sem nenhum tipo de falta. Nada lhe falta. Ao investigar, o homem é remetido a um juízo e a resposta negativa é uma qualificação desse juízo, que é uma das características da espera humana. A interrogação leva à constatação de que sem a negação nenhuma pergunta pode ser questionada, já que a resposta será sempre positiva. O nada é um ser que se nadifica por ser pura negação enquanto fenômeno no seio do ser, que é de onde ele retira o nada do seu ser.

Entretanto, o ser pelo qual o nada vem ao mundo é o próprio homem. Para que haja

---

<sup>60</sup> Em Sartre, o nada é que torna possível tanto a experiência da liberdade como também da angústia, ou seja, ao sentir-se como nada de ser, totalmente ancorado na liberdade de escolha o para-si experimenta a angústia.

<sup>61</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 46.

questionamento a respeito do ser, é necessário que seu olhar esteja na interrogação. Por conta disso, o para-si é um ser que habita o seu próprio nada, e essa relação, por ser falta de alguma coisa, é pura negatividade.

O nada se manifesta como condição necessária das possibilidades humanas por ser um vazio que busca ser preenchido. É pelo nada que a liberdade do para-si busca preencher o vazio do seu ser. A liberdade vem da necessidade do para-si querer encontrar um sentido para o seu existir. Por sua vez, o para-si se diferencia do ser das coisas, pois o homem é o que ele quer e escolhe ser. Fruto de suas decisões, o para-si vai optar por construir seu projeto existencial em relação às possibilidades de escolha. Segundo Perdigão,

Por sermos livres, somos angústia. Para mascarar-la, precisamos disfarçar a liberdade que somos, e, nesse sentido, usamos cotidianamente diversos expedientes e truques. Mentimos a nós mesmos para acreditar que não somos livres ou responsáveis por nossos atos. Pode-se dizer, de modo geral, que há uma tendência do homem para se negar como liberdade. Sartre considera mesmo que a ciência, a religião, a psicologia, determinado marxismo mecanicista — acrescentaríamos, credices populares (como astrologia) — inventaram o que chama de “ídolos explicativos de nossa época” — seja Deus, o inconsciente, a dialética da natureza, etc. — basicamente como um esforço para sufocar a nossa liberdade, livrar-nos da angústia eximir-nos da responsabilidade por nossos atos.<sup>62</sup>

Nesta citação de Perdigão, o homem, por ser livre, se angustia e para dela fugir usa truques, como forma de fuga. Mais ainda, procura falsos apoios para aliviar-se de forma a escapar da responsabilidade de ser-para-si. Todavia, a angústia é resultado de uma reflexão ética ao se relacionar com os valores. O para-si cria os valores e com eles se angustia por não poder negar que seu sentido é dado por ele mesmo. Os valores aparecem de acordo com as circunstâncias humanas, ou seja, não possuem um modelo escatológico ou divino capaz de salvá-lo de querer por si mesmo os valores que assume.

A existência da má-fé permite escapar da responsabilidade das escolhas morais. Quando Sartre usa a expressão má-fé, é para se referir a qualquer autoengano que nega a existência da liberdade. Ao autoenganar-se a tentativa é de evitar a angústia que acompanha a percepção de que a existência não está definida, exceto pelo fazer-se. A má-fé é, em si mesma, uma escolha, uma maneira pela qual uma pessoa usa sua liberdade para evitar as consequências de sua liberdade. “A má-fé se diz de várias maneiras: “fugir” no mundo; “pôr-se a dormir”; “mascarar” a modalidade do objeto da consciência”<sup>63</sup>. Desse modo, “a finalidade da má-fé é fugir, mascarar, enganar, apagar a consciência (de) liberdade ou a

<sup>62</sup> PERDIGÃO, Paulo, *Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre*, Porto Alegre, L&PM, 1995, p. 116.

<sup>63</sup> CASTRO, Fabio Caprio Leite de, *A ética de Sartre*, São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 197.

angústia, que está no próprio nível da consciência (de) crença, o nível existencial da consciência”<sup>64</sup>. Em razão de não se sentir a vontade em ter que fazer escolhas, o que se deseja é evitar assumir a responsabilidade, e aí providencialmente atribuí-se essas escolhas a uma outra pessoa, uma norma social, ao passado, à astrologia, a alguma herança biológica, à religião, ao acaso, enfim, se atribuí o modo de ser a uma coisa externa, ao invés de assumir a responsabilidade.

O ato de má-fé é muito comum de acontecer, pois é corrente responsabilizar os outros pelas escolhas que se faz na vida. Assim, a má-fé é uma desculpa, uma falsa justificativa. A má-fé se instaura e se habilita a proporcionar alívio imediato, pois é cômodo agir pela má-fé no intuito de fugir do sentimento da angústia de ser liberdade e ter que se responsabilizar pelas escolhas feitas.

Conclui-se disso que, no processo contínuo de fazer-se, a angústia aparece. E, se não existe uma essência pronta, já que a existência precede e condiciona a essência, somos vazios. Até mesmo a alienação é resultado da liberdade, pois não pode-se deixar de ser livre. Além de estar preso à liberdade, o homem se vê sozinho diante de suas decisões, por não haver nada nem ninguém que possa lhe ajudar a escolher qual a melhor entre suas possibilidades. É diante desse quadro que o homem, na tentativa de livrar-se da angústia, recorre ao subterfúgio da má-fé. A conduta de má-fé se manifesta como uma negação interna. Negação da responsabilidade de ser livre, pois quando o homem nega que é livre, ele se nadifica como coisa, pensando em ser algo em-si, que se configura como um ser que é o que é. O homem de má-fé tem consciência de tudo que busca esconder, mas como em um pacto, ele nega que sabe. É a consciência que se deixa infectar pela via fácil de um agir alienado.

O homem poderia recorrer ao inconsciente para justificar a má-fé, mas atribuir ao inconsciente a má-fé é negar a consciência, porque ela sempre sabe de si. Tentar justificar que a problemática que envolve a má-fé pode ser explicada utilizando-se do inconsciente é pressupor que o inconsciente possa ser sua razão de ser. Ora, quem conduz o agir humano é a consciência. Defender que o inconsciente possa servir para justificar as atitudes é como admitir uma câmara ou um lugar secreto onde as informações estariam sendo armazenadas, é acreditar que o agir humano torna-se um reflexo do inconsciente. Em outras palavras, se delegar um poder secreto ao inconsciente, apto o suficiente para conduzir nossa conduta, reduz-se o papel da consciência.

Ora, em Sartre, a consciência é translúcida. Assim, a decisão de agir pela má-fé é consciente. O homem entra em contato direto com a liberdade e sua responsabilidade na

<sup>64</sup> CASTRO, Fabio Caprio Leite de, A ética de Sartre, São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 202.

angústia. Ao perceber que todos os seus possíveis são incomensuráveis e que o nada lhe serve como base, só resta negar o que é, como forma de fuga. Ao fugir dessa obrigação ontológica, o homem adota condutas de má-fé, buscando ser como o em-si, uma coisa.

A má-fé é uma conduta negativa humana, ontologicamente constitutiva, como resultante da própria realidade paradoxal do ser humano, que é de ser livre e ao mesmo tempo querer negar essa liberdade. Por isso mesmo, o homem, para Sartre, ao agir de má-fé, é consciente da consciência de má-fé.

## 2.2 - O processo da transcendência e a facticidade na má-fé

Para Sartre, é pela dialética da transcendência e da facticidade que a má-fé pode ser melhor compreendida. A consciência transcende quando indica sua intencionalidade<sup>65</sup>, realizando o movimento de sair de si. Quando o ser para-si transcende, isto é, põe a si mesmo como diferente do objeto intencional, a consciência afirma o que ela não é. Se, por exemplo, alguém nasceu em uma família de operários, esse fato independe da opção humana. É uma situação em que a condição dada de nascimento é inevitável. Nesse sentido se manifesta a facticidade humana. Mas admitir que a facticidade seja determinante é não compreender o homem diante de sua existência. É o mesmo que negar a própria realidade humana. No exemplo do operário é possível encontrar elementos de transcendência, pois o operário pode, pelo trabalho, deixar de ser operário. Pode, igualmente, perceber-se enquanto operário e formar a consciência de classe. O ser para-si pode transcender a esse limite imposto pela facticidade. A facticidade pode limitar aspectos como a nacionalidade, naturalidade ou cor, mas não tem como definir aonde pode chegar o homem diante de seus desafios. Nessa dialética, a facticidade impõe limites, definindo-os. No entanto, a transcendência abre as portas para tudo que o homem possa ser. O homem é livre pela possibilidade que a consciência tem de transcender diante dos seus possíveis. Por sua vez, o homem, para construir o seu projeto de ser, utiliza-se como alibi de suas ações a facticidade, agindo assim pela má-fé.

A única necessidade que a liberdade conhece está aqui: o homem não é livre para deixar de ser livre. E a admissão de qualquer outro tipo de necessidade ou de determinismo acarreta a recusa à liberdade. Como se entende essa recusa? Como tentativa de apreender a si próprio como um ser-em-si. (...) A realidade humana encontraria, dessa forma, a sua justificativa

---

<sup>65</sup> O conceito de intencionalidade diz respeito ao movimento pelo qual a consciência se constitui em relação ao mundo. O resultado disso é uma filosofia que imerge o sujeito no mundo negando, pela via epistemológica, as posições solipsistas. Segundo François Noudelmann e Gilles Philippe, no *Dictionnaire Sartre*, Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004, pág. 251, Sartre descobre a intencionalidade em Husserl, mas na realidade dá-lhe o significado que tinha em Brentano: "Toda a consciência é sempre consciência de algo". Intencionalidade implica que a consciência, longe de ser definida pela reflexão ou por uma vida psíquica, visa acima de tudo um pólo externo a si própria, tende para o que não é num movimento de transcendência. Mesmo a imaginação, muitas vezes concebida como a apreensão de um conteúdo de consciência, é intencional. A universalidade do princípio de intencionalidade é um dos principais elementos do pensamento de Sartre, dando-lhe o impacto de uma "prova ontológica", à consciência de ser o que não é e de não ser o que é.

em Deus, ou na natureza, ou em “minha natureza”, ou na sociedade. Mas a recusa à liberdade é má-fé.<sup>66</sup>

Na citação acima de Bornheim, pode-se perceber que a liberdade é uma condição existencial do ser humano, não sendo possível deixar de ser livre. A liberdade é uma condição existencial que permite a recusa de si mesma em nome de uma determinação exterior, seja ela a religião, a natureza ou a sociedade.

Analisar-se-a para esclarecer a má-fé, o momento em que Sartre, por meio de personagens fictícias, cita, em sua obra “*O ser e o nada*”, uma mulher que se depara com a escolha de ir a um encontro de um pretendente amoroso. Ao considerar essa escolha, a mulher sabe que enfrentará esta situação novamente mais tarde, pois é consciente das intenções e desejos do homem que a corteja. Segundo as palavras de Sartre:

Eis, por exemplo, o caso de uma mulher que vai a um primeiro encontro. Ela sabe perfeitamente as intenções que o homem que lhe fala tem a seu respeito. Também sabe que cedo ou tarde, terá de tomar uma decisão. Mas não quer sentir a urgência disso: atém-se apenas ao que de respeitoso e discreto oferece a atitude do companheiro. Não a apreende como tentativa de estabelecer os chamados “primeiros contatos”, ou seja, não quer ver as possibilidades de desenvolvimento temporal apresentadas por essa conduta: limita-a ao que é no presente, só quer interpretar nas frases que ouve o seu sentido explícito, e se lhe dizem “eu te amo muito”, despoja a frase de seu âmago sexual: vinculada aos discursos e à conduta de seu interlocutor significações imediatas, que encara como qualidades objetivas. O homem que fala parece sincero e respeitoso, como a mesa é redonda ou quadrada, o revestimento de parede azul ou cinzento. E qualidades assim atribuídas à pessoa a quem ouve são então fixadas em uma permanência coisificante que não passa de projeção do estrito presente no fluxo temporal. A mulher não se dá conta do que deseja: é profundamente sensível que o desejo nu e cru a humilharia e lhe causaria horror. Contudo, não haveria encanto algum em um respeito que fosse apenas respeito. Para satisfazê-la, é necessário um sentimento que se dirija por inteiro à sua pessoa, ou seja, à sua liberdade plenária, e seja reconhecimento de sua liberdade. Mas, é preciso, ao mesmo tempo, que tal sentimento seja todo inteiro desejo, quer dizer, dirija-se a seu corpo como objeto. Portanto, desta vez ela se nega a captar o desejo como é, sequer lhe dá nome, só o reconhece na medida em que transcende para a admiração, a estima, o respeito, e se absorve inteiramente nas formas mais elevadas que produz, a ponto de já não constar delas a não ser como uma espécie de calor e densidade. Mas eis que lhe seguram a mão. O gesto de seu interlocutor ameaça mudar a situação, provocando uma decisão imediata: abandonar a mão é consentir no flerte, comprometer-se; retirá-la é romper com a harmonia turva e instável que constitui o charme do momento. Trata-se de retardar o mais possível a hora da decisão. O que acontece então é conhecido: a jovem abandona a mão, mas não percebe que a abandona. Não percebe porque, casualmente, nesse momento ela é puro espírito. Conduz seu interlocutor às regiões mais elevadas da especulação sentimental, fala da vida, de sua vida, mostra-se em seu aspecto essencial: uma pessoa, uma consciência. E, entretantes, realizou-se o divórcio entre corpo e alma: a

<sup>66</sup>BORNHEIM, Gerd, Sartre, Metafísica e Existencialismo, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003, p. 112.

mão repousa inerte entre as mãos cálidas de seu companheiro, nem aceitante, nem resistente – uma coisa.<sup>67</sup>

O que se manifesta no exemplo sartriano da mulher é a dialética da transcendência e facticidade existente na conduta de má-fé. Sartre descreve os passos que são dados para que a má-fé tome forma, ganhe corpo, diante dos acontecimentos. No exemplo da citação acima, a mulher usa de vários subterfúgios para desarmar seu companheiro, representando diante dele um papel contraditório de alguém que aceita, mas quer impor alguma resistência para valorizar sua situação. Ela tem consciência das intenções do seu companheiro, apesar de não haver uma demonstração clara em seu comportamento. Prefere interpretar o que lhe é dito de forma objetiva, valorizando o que parece ser respeitoso e sem vincular o encontro com possibilidades futuras. Não aceita o fato de sentir desejo apenas pelo desejo. Por outro lado, não acha interessante haver um relacionamento em que haja apenas respeito, sem possibilidade de acontecer um contato mais íntimo. Na verdade, o que necessita realmente é exercitar sua liberdade para que possa permitir-se ser inteira desejo, no entanto, só reconhece sua existência ao transcender para a admiração, estima e respeito. Ao reconhecer a urgência de tomar uma decisão, quando seu companheiro busca manter um contato mais íntimo, prefere comportar-se de forma a consentir a aproximação, porém enganando-se de que não percebe o que está acontecendo. Apesar da tentativa de não deixar absorver-se pela situação, acaba dividindo-se em corpo e alma, isto é, afirma e nega. Não aceita nem resiste, apenas deixa se levar como se não soubesse o que está acontecendo. Como se fosse uma coisa.

A mulher se comporta como um ser em-si que se deixa dominar ao ser seduzida. Entretanto, ao impor limites ou dificuldades, ela comporta-se como um ser para-si que nega a ação do seu interlocutor e que ao mesmo tempo aceita a sedução. Nesse momento, sua transcendência lhe permite desejar. Seu corpo agora tem vontade própria, fala mais alto, é algo incontrollável. Diante da construção comportamental desse exemplo, pode-se perceber que a mulher adota, através da má-fé, conceitos contraditórios, pois em um mesmo ato afirma-se e nega-se uma ideia. A mulher utiliza a transcendência e a facticidade para transitar entre suas alternativas existenciais. Isso lhe permite se comportar como um ser para-si que diz não ao seu interlocutor negando seu projeto e, ao mesmo tempo, adota um comportamento passivo como um tipo de em-si que aceita, que se permite adotar uma conduta que na verdade mente para si, tentando enganar os seus verdadeiros desejos.

O que Sartre revela nesse exemplo de má-fé é que essa mulher demonstra, no seu agir,

---

<sup>67</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdigo. Petrópolis: Vozes, 2001, p.101-102.

características contraditórias quando parece não perceber a priori o projeto ou a ideia intencional do seu companheiro. Ao limitar sua liberdade, ela transforma-se em coisa, em ser em-si, sendo também esse desejo que de forma sutil se deixa conquistar como uma coisa. Ela afirma a sua transcendência enquanto nega a intenção do seu companheiro, transformando a ação dele em pura facticidade. Ela é também pura facticidade quando aceita se transformar em coisa conquistada. Esses conceitos contraditórios de alguém que, por exemplo, quer alguma coisa, mas nega o que busca; ou quer para depois negar que quis; ou ainda, nega para desejar, são possíveis, pois a má-fé afirma a transcendência como facticidade e a facticidade como transcendência. A dialética da transcendência e facticidade possibilitam ao homem, na visão sartriana, que ele possa agir de má-fé, afinal, o para-si é um ser que não é o que ele é. Para Sartre:

Sem a facticidade, a consciência poderia escolher suas vinculações com o mundo, da mesma forma como, na República de Platão, as almas escolhem sua condição: eu poderia me determinar a “nascer operário” ou “nascer burguês”. Mas, por outro lado, a facticidade não pode me constituir como “sendo burguês” ou sendo operário... A facticidade é apenas uma indicação que dou a mim mesmo do ser que devo alcançar para ser o que sou. Impossível captá-la em sua bruta nudez, pois tudo que carecemos dela já se acha reassumido e livremente construído.<sup>68</sup>

Em outras palavras, a facticidade, por se fazer no domínio contingente, não determina o que sou. Não posso escolher originalmente a minha condição ou como vou nascer, mas posso escolher o sentido que ela terá para mim. A contingência originária não nos constitui, ela nos situa no mundo. Os fatos são apresentados, mas nos cabe transcender o sentido que será atribuído a eles.

A má-fé formula a si mesma questões limitantes. Examinemos alguns exemplos. 1) Se o homem se comporta como não sendo o que ele é, como poderia ele ser responsável? 2) Poderia um erro cometido por alguém ser aceito, se este afirma não ter culpa no acontecimento, já que sua facticidade o limitava? 3) Fazer o quê, se não poderia ser diferente? Ora, na dialética entre transcendência e facticidade o homem vai fugir do que ele não quer assumir. O homem é transcendência quando foge, negando não ser responsável por sua liberdade, afinal, sempre haverá uma justificativa para validar suas ações. Para que a má-fé se instaure é necessário afirmar que, ao transcender, o homem se torna facticidade.

Ao escapar para ser o que ele não é, o homem sente uma falsa impressão de alívio. Ela acredita ter resolvido seu problema. É quando, por exemplo, alguém foge do que lhe é indesejável. A má-fé vai proporcionar essa solução como uma fuga. Fuga que transforma o

---

<sup>68</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdigo. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 122.

homem em coisa, pois nela existe a inversão da liberdade. Na má-fé, o homem deixa de ser livre para justificar seu erro como uma fatalidade do destino. Quem era livre para optar, termina optando para se transformar em coisa. O homem que representa não ser livre, nega ter responsabilidade, visto que, ao deixar de ser livre, ele deixa de ser responsável.

Nesse sentido, o que vier a ocorrer em seu projeto não será de sua responsabilidade. Se algo acontecer de errado, não terá cobranças, não haverá peso ou dor, podendo ele recorrer a qualquer tipo de desculpa. Se as condições de possibilidades para a má-fé são infinitas, deve-se ao fato de que, ao transcender, o homem pode mudar os acontecimentos ou até mesmo culpar o destino por tudo o que deixou de fazer. A transcendência propicia ao homem o poder de justificar o seu agir através da má-fé como um alibi. Agir de má-fé é negar o livre-arbítrio, procurando determinar motivos para as suas ações. Logo, a má-fé usa o determinismo como sua justificativa. No entendimento sartriano, o homem de má-fé assume sofrer influências, ou seja:

Bem mais do que parece “fazer-se”, o homem parece “ser feito” pelo clima e a terra, a raça e a classe, a língua, a história da coletividade da qual participa, a hereditariedade, as circunstâncias individuais de sua infância, os hábitos adquiridos, os grandes e pequenos acontecimentos de sua vida.<sup>69</sup>

Para justificar a incapacidade diante de suas possibilidades, o homem nega o que lhe é inerente: a liberdade. A angústia que ele sofre diante das cobranças internas e externas faz com que sua consciência busque alternativas para se afastar dela. Para tentar fugir da condenação existencial que a liberdade impõe, o homem recorre à má-fé como possibilidade de camuflar sua realidade.

Examinar-se-a, neste momento, mais um exemplo de má-fé. Ainda na obra “*O ser e o nada*”, Sartre retrata o ritual comportamental da personagem de um garçom.

Ele tem o gesto vivo e apoiado, um pouco excessivamente preciso, um pouco excessivamente rápido, ele vem em direção dos consumidores em um passo um pouco excessivamente vivo, ele se inclina um pouco excessivamente com pressa, sua voz, seus olhos exprimem um interesse um pouco excessivamente pleno de solicitude pela comanda do cliente.<sup>70</sup>

O garçom se preocupa com todos os detalhes e age de tal forma que não exista nenhuma dúvida quanto ao que ele representa ser. Ele se preocupa nos mínimos detalhes em cumprir todo um ritual para ser da forma mais fidedigna possível aquilo que ele busca representar. O que ele representa ser é exatamente o que ele não é. O garçom revela a condição de que só em representação o homem pode ser o que ele busca ser. Nessa passagem

<sup>69</sup>SARTRE, Jean-Paul, *O ser e o nada*. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 593.

<sup>70</sup>SARTRE, Jean-Paul, *O ser e o nada*. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 94.

de “*O ser e o nada*”, todos reconhecem que esse garçom, com seus movimentos rigorosos e calculados, descreve algo parecido como um autômato. Toda a conduta do garçom descrito se torna um jogo, uma representação, um teatro.

Entre os diversos exemplos analisados por Sartre, tomemos o mais elucidativo. (...) Sartre pinta todos os gestos típicos de um garçom em seu trabalho; são gestos que, em verdade, lembram a marionete. (...) A condição humana como que se desdobra para assumir uma segunda natureza, uma outra condição. Se o médico não realizasse os gestos típicos de sua profissão, talvez não convencesse suficientemente ao exercer as suas funções; o público exige que o médico, o vendeiro, o garçom desempenhem as atribuições inerentes a cada função à maneira de um cerimonial, executando como que uma “dança”. Assim, o garçom se torna coisa-garçom, e o soldado coisa-soldado. Na sociedade tudo se passa, portanto, como se cada um devesse assumir uma marionete.<sup>71</sup>

Para Bornheim, o homem do exemplo sartriano representa ser garçom como um ser em-si, como uma coisa-garçom. Representar ser garçom significa adotar características comportamentais da profissão. Além disso, esse homem será visto como garçom, já que não representa ser professor, médico ou advogado. Ele é o que representa ser, isto é, um garçom. Logo, o garçom existe como um ser que não é o que ele é. Ao representar, ele passa a ser aquilo que ele não é. Nesse momento, ao escapar para ser o que ele não é, o homem sente uma falsa impressão de alívio, como quem acredita ter resolvido seu problema. A má-fé vai proporcionar essa solução como uma fuga. Fuga que transforma o homem em coisa, pois nela existe a inversão da liberdade.

No entanto, o homem se revela através das diversas formas de atitude que ele assume diante das situações nas quais se encontra inserido. Ao agir de má-fé, nega o que é inerente ao homem: sua liberdade. É como buscar no determinismo a fuga para justificar sua ação. É ter diante das possibilidades a postura de um ser que retira de si a responsabilidade de sua existência, alegando que já estava tudo definido no seu destino. Ao agir de má-fé, o homem está sempre protegido das consequências do seu engajamento, pois suas ações podem ser justificadas pelo determinismo. Por ser livre e consciente é que a conduta de má-fé torna-se possível de se concretizar, já que é de sua inteira responsabilidade a construção do seu existir.

Entretanto, é marcante a impossibilidade de determinação do existir humano e também a impossibilidade de se alcançar sua justificação.

Se a má-fé é possível, deve-se a que constitui a ameaça imediata e permanente de todo o projeto do ser humano, ao fato de a consciência esconder em seu ser um permanente risco de má-fé. E a origem desse risco é

---

<sup>71</sup> BORNHEIM, Gerd, Sartre, Metafísica e Existencialismo, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003, p. 49.

que a consciência, ao mesmo tempo em seu ser, é o que não é e não é o que é.<sup>72</sup>

Para Sartre, a existência é em si mesma injustificável. Pois como a existência se faz na sucessão dos atos pelos quais o sujeito se faz homem, cada ato é também injustificável no sentido de uma inteligibilidade ordenadora. E esse caráter injustificável é exatamente o que confere ao ato a liberdade e a responsabilidade uma condição permanente. Disso resulta que a liberdade prescinde de justificação e que o homem é o responsável pelos seus atos de forma constante. A origem da responsabilidade está na liberdade e não na possível justificação. A liberdade não é uma tarefa a ser cumprida, ela está presente no homem como uma condição de seu existir para viabilizar o seu porvir.

Segundo Franklin Leopoldo e Silva:

Quando a consciência empreende a conduta de fuga que consiste em negar-se para determinar-se, ocorre uma situação bastante paradoxal, mas reveladora da relação entre ser e não-ser característica da experiência da negação. Quando a consciência nega sua indeterminação original e procura se determinar em algo, um ser, poderíamos dizer que ela nega para ser. Mas como isso que ela se determina como o seu ser não é ela na sua estrutura originária, já que aí ela é nada, ao ser de forma determinada e negar o seu próprio nada ela não é ela mesma, ou seja, ela é para não ser. É nesse sentido que se poderia dizer que ela foge de seu nada para ser algo, mas como o nada é o seu ser, isso que ela vem a ser ao fugir para diferentes determinações não é o seu ser. O determinismo é o fundamento de todas as condutas de fuga porque a consciência foge de si sempre para determinar-se como isso ou aquilo. Mas esse si do qual ela foge é o seu próprio nada ou a sua liberdade originária. Esse poder que tem a consciência de negar-se a si mesma Sartre chama de má-fé.<sup>73</sup>

Nessa passagem, pode-se perceber que ao se usar o alibi do determinismo, é como se se projetasse como sendo outro em seu lugar: há nesse caso algo de imaginário ou fictício, sem que isso venha a quebrar a unidade da consciência. A unidade da consciência implica que o sujeito sabe de si, mas esse saber manifesta-se muitas vezes na forma de não-saber, acarretando estratégias de exercício de má-fé. A má-fé é uma relação da consciência consigo mesma. “A má-fé é a mentira a si mesma na unidade de uma só consciência, é a consciência retornando sobre si a nadaificação para esconder sua própria condição existencial.”<sup>74</sup> No retorno para si mesma, a consciência atravessa o mundo e implica a mediação do outro. Desta forma, toda consciência de má-fé corresponde a uma conduta no mundo.

<sup>72</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 107.

<sup>73</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e, Ética e literatura em Sartre Ensaios Introdutórios, Editora UNESP, 2003, p.159.

<sup>74</sup> CASTRO, Fabio Caprio Leite de, A ética de Sartre, São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 201.

Há ainda outro exemplo na obra *“O ser e o nada”* no qual Sartre retrata por meio de personagens fictícias a conduta de má-fé, expresso na citação seguindo o exemplo do homossexual e o campeão da sinceridade:

Um homossexual tem frequentemente intolerável sentimento de culpa, e toda sua existência se determina com relação a isso. Pode-se concluir que esteja de má-fé. De fato, com frequência esse homem, sem deixar admitir sua inclinação homossexual ou confessar uma a uma as faltas singulares que cometeu, nega-se com todas as forças a se considerar pederasta. Seu caso é sempre “à parte”, singular; intervêm elementos de jogo, acaso, má sorte; erros passados que se explicam por certa concepção de beleza que as mulheres não podem satisfazer; deve-se ver no caso efeitos de inquieta busca, mais que manifestações de tendência profundamente enraizada, etc. De certo, um homem cuja má-fé acerca-se do cômico, uma vez que, reconhecendo os fatos que lhe imputam, nega-se a admitir a consequência que se impõe. Assim, seu companheiro, seu mais severo censor, irrita-se com essa duplicidade: o censor só cobiça uma coisa, e depois poderá até se mostrar indulgente — que o culpado se reconheça culpado, que o homossexual confesse sem rodeios, não importa se humilde ou reivindicativo: “sou um pederasta”. Perguntamos: quem está de má-fé, o homossexual ou o campeão da sinceridade? O homossexual reconhece suas faltas, mas luta com todas as forças contra a esmagadora perspectiva de que seus erros o constituam como destino. Não quer se deixar ver como coisa: tem obscura e forte compreensão de que um homossexual não é homossexual como esta mesa é mesa ou este homem ruivo é ruivo. Acredita escapar a todos os erros, desde que os coloque e os reconheça; melhor ainda: a duração psíquica, por si, exime-o de cada falta, constitui um porvir indeterminado, faz com que renasça como novo. Estará errado? Não reconhece, por si mesmo, o caráter singular e irreduzível da realidade humana? Sua atitude encerra, portanto, inegável compreensão da verdade. Ao mesmo tempo, porém, tem necessidade desse perpétuo renascer, dessa constante evasão para viver: precisa colocar-se constantemente fora de alcance para evitar o terrível julgamento da coletividade. Assim, joga com a palavra ser. Teria razão realmente se entendesse a frase “não sou pederasta” no sentido de que “não sou o que sou”, ou seja, se declarasse: “Na medida em que uma série de condutas se define como condutas de pederasta e que assumi tais condutas, sou pederasta. Na medida em que a realidade humana escapa a toda definição por condutas, não sou.” Mas o homossexual se desvia dissimuladamente para outra acepção da palavra “ser”: entende “não ser” no sentido de “não ser em si”. Declara “não sou pederasta” no sentido em que esta mesa não é um tinteiro. Está de má-fé.<sup>75</sup>

Na citação acima, podemos verificar que o homossexual, reunindo em si aquelas características que nos permitem reconhecê-lo como pederasta, alega, contudo, toda uma série de pseudo-justificações e se utiliza de vários subterfúgios para negar sua condição. Quando a nega, ele o faz de uma forma absoluta: ele pretende afirmar-se como não sendo, em sentido algum, um pederasta. Ao colocar a questão em tais termos, o homossexual embaralha a distinção ontológica em-si/para-si e age de má-fé.

<sup>75</sup> SARTRE, Jean-Paul, *O ser e o nada*. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 110 e 111.

No exemplo de Sartre de condutas de má-fé, protagonizadas pelo homossexual e o campeão da sinceridade, percebe-se como a transcendência possibilita a realidade humana, através de sua liberdade, representar ações que se caracterizam como má-fé. Os conceitos de transcendência e da facticidade possibilitam ao homem assumir condutas de ser como a sinceridade, a covardia e tantas outras. Por isso mesmo, nada que o homem escolha ser, ele o será verdadeiramente. Afinal, na visão sartriana o homem é um ser que não é o que ele é. Sobre o exemplo do homossexual e o campeão da sinceridade, Perdigão comenta:

Há na consciência um risco permanente de Má-Fé, decorrente do fato mesmo de que ela não-é-o-que-é e é-o-que-não-é. Na verdade, em nível puramente ontológico, pode-se dizer que a realidade humana é sempre de má-fé, e nem poderia ser diferente. Confirmação disso é a atitude oposta que poderíamos tomar com relação a nós mesmos — a sinceridade — é de todo impossível. Se não, vejamos. O “campeão da sinceridade” é aquele que decide ser exatamente aquilo que é, sem reticências: “Sou isso, e ponto final”. Então, o que ele almeja é ser para si mesmo aquilo que ele é, em uma coincidência total consigo mesmo. Ocorre que esse “ser si mesmo” como um em-si, não existe para a consciência. (...) A sinceridade, para existir, exigiria que o homem fosse somente aquilo que é o que é. Além disso, na realidade humana, o “ser isso” e o “não ser isso” não diferem muito. “Ser covarde”, por exemplo, não é uma coisa do tipo em-si, mas é projeto, totalização-em-curso, logo algo que sempre se pode questionar, evanescente, suscetível de mudanças — algo próximo de “não ser covarde”. Nunca posso ser total e verdadeiramente “covarde”.<sup>76</sup>

Em outras palavras, no exemplo sartriano da sinceridade, os dois personagens estão adotando condutas de má-fé. Para o “campeão da sinceridade”, nada mais honesto do que o homossexual se reconheça como tal, pois se assim for, ele será aceito por ter assumido ser o que ele é. Nesse sentido, o campeão da sinceridade já não mais tratará o homossexual como coisa, pois ao assumir ser homossexual, ele será sincero consigo mesmo e com os demais. É exatamente essa contradição que constitui a sinceridade, ou seja, que a realidade humana seja o que é. Para o campeão da sinceridade, como há um censor, o que importa é que sua vítima abdique da liberdade e que se reconheça como homossexual, para em seguida ser julgado. Ainda sobre esse exemplo, Sartre diz:

O campeão da sinceridade, na medida em que almeja se tranquilizar, quando pretende julgar, e exige que uma liberdade, enquanto liberdade, se constitua como coisa, está de má-fé. Trata-se apenas de um episódio dessa luta mortal das consciências, que Hegel denomina “relação de amo e escravo”. Dirigimo-nos a uma consciência para exigir, em nome de sua natureza de consciência, que se destrua radicalmente como consciência, fazendo-a aguardar, para depois dessa destruição, um renascer.<sup>77</sup>

<sup>76</sup> **PERDIGÃO, Paulo**, *Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre*, Porto Alegre, L&PM, 1995, p. 119 e 120.

<sup>77</sup> **SARTRE, Jean-Paul**, *O ser e o nada*. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001, p.112.

Em outras palavras, Sartre mostra como a consciência do outro é importante na questão da sinceridade. Na citação acima vê-se que o outro é dominado e dominador por ser a consciência usada em dois momentos: como aquela que exerce o poder de persuasão contra o outro e como consciência que necessita do outro. O outro tem consciência de ser senhor e escravo. Entretanto, como foi visto anteriormente, o jogo existente entre o campeão da sinceridade e o homossexual é um jogo de má-fé. O campeão da sinceridade, no ato de buscar a própria sinceridade, assume ser o que é. Ao confessar ser sincero, ele está representando um papel que poderia ser outro qualquer. Ser sincero é garantia de que todos os seus atos estão explicados pela sinceridade que ele representa ser, o que significa que seus atos devem ser aceitos, pois são sinceros. O objetivo da má-fé é fazer com que o homem seja o que ele é, a maneira de não ser o que ele é. Já o objetivo da sinceridade é que o homem seja e não seja o que ele é. O que existe entre má-fé e sinceridade é um jogo de condutas que decorrem da liberdade de existir.

A condição de possibilidade da má-fé repousa no fato de que a realidade humana procura ser o que ela não é, e não ser o que é. A liberdade se constitui como condição de ser do para-si, a tal ponto do homem não poder deixar de ser livre, estando condenado à liberdade. Por isso mesmo, não existe um criador do destino humano, nem um destino pré-definido. É o homem que se faz, construindo-se passo a passo no seu existir. Nessa construção, o homem está sozinho, pois não existe qualquer tipo de apoio para ele. Sem um modelo para seguir, sua liberdade se transforma em exigência, já que ele é responsável por sua existência, ao mesmo tempo em que se torna legislador universal, visto que o homem é o que ele faz de si mesmo, estando sua responsabilidade engajada a humanidade em geral. Além de ser responsável por suas próprias escolhas, o homem também é responsável por toda a humanidade. De acordo com essa concepção, o existencialismo propicia justamente a conscientização do homem acerca da responsabilidade da sua existência.

Assim, por exemplo, o homem, ao optar por casar, está engajando uma pessoa ao seu projeto, onde os seus filhos e os filhos dos seus filhos farão também parte desse processo. Não sendo possível fugir da responsabilidade da escolha, o homem deve ter consciência de ser responsável não só por sua individualidade, mas também por todos os homens. A angústia se manifesta justamente em função da escolha de uma decisão. Como saber se o homem está fazendo a opção certa? Se a existência antecede a essência, não há como ter essas respostas a priori. Ele nunca saberá o que teria acontecido com as outras possibilidades. O homem se constrói na sua própria ação, sendo responsável por suas escolhas.

Por conseguinte, quando o homem justifica, por exemplo, determinados atos pela influência da paixão, age de má-fé, pois a escolha foi sua e aconteceu de forma consciente. Como toda paixão é paixão de alguma coisa, a paixão é uma consciência de paixão. Partindo dessas premissas, Sartre defende a inteira responsabilidade humana diante de sua existência. Somos o único responsável por nossa decisão e deve-se assumir as consequências desse ato.

O para-si é a liberdade compreendida como responsabilidade de escolha, e Sartre leva essa responsabilidade às últimas implicações. Por ela, determina-se o conceito chave da ética: o valor. Se a liberdade é absoluta, o valor não poderia apresentar consistência objetiva, muito pelo contrário, o valor brota da subjetividade. Para Sartre, o homem: “é o ser pelo qual os valores existem”.<sup>78</sup> No entanto, como não existe um fundamento de base na condição humana de seu existir, cabe ao homem inventar, criar os seus valores e dar conta do que criou, por isso o homem se faz no seu projeto.

O ser para-si é o ser pelo qual os valores existem. Ele se angustia ao aceitar determinado valor, já que esses valores fazem parte de sua possibilidade de escolha. Segundo Perdigão,

no caso da angústia ética, constatada nossa liberdade, advém a certeza de que os valores morais têm como único fundamento possível a nossa decisão de criá-los. A vida é permanente escolha, e, com cada uma de nossas escolhas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos de optar por um valor, uma regra de conduta. O que nos angustia é saber que não temos a que recorrer para orientar as nossas escolhas.<sup>79</sup>

Nessa passagem, Perdigão descreve que o homem se angustia eticamente por depender dele criar ou validar valores. Quando opta por escolher determinado valor, não há qualquer tipo de certeza de sua opção, nada lhe garante sobre suas ações. Os valores ou exigências morais se concretizam diante dos seus projetos e, por conseguinte, sua existência se fará a partir do que o homem elege a partir de suas expectativas. Assim, o homem, ao escolher, dá sentido aos valores. Ao escolher determinado projeto, ele está escolhendo também os valores ligados a esse projeto. Os valores são negados ou afirmados como possibilidades éticas.

Diante dos acontecimentos e das coisas que habitam a realidade humana, o homem sente a angústia por ser ele mesmo o responsável em tornar possível que tais coisas tenham valores, como por exemplo: o casamento, a religião, a generosidade, entre outras coisas. A

---

<sup>78</sup> SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 722.

<sup>79</sup> PERDIGÃO, Paulo, Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre, Porto Alegre, L&PM, 1995, p. 113.

angústia vem justamente da liberdade que o homem tem de negar ou validar os valores, sem poder negar que seu sentido é dado por ele mesmo.

Segundo Gerd Bornheim, ao buscar no determinismo, o alibi para fugir da liberdade existencial, “é como que introduzir o em-si no fundamento do para-si, numa tentativa de conciliar consigo mesmo e, em consequência, de justificar-se na condição de objetividade. No entanto, a liberdade é fuga de si, é manter-se à distância de si próprio e haver-se com a angústia de não poder ser.”<sup>80</sup> Isso quer dizer, enfim, que a realidade humana nunca está realmente em casa, ou satisfeita, e quando pensa que está, incide em má-fé. Para Sartre, o homem encontra-se perpetuamente como o ser em que o próprio ser está em questão. E isso não tanto porque o homem seja um mistério para si próprio, mas porque é uma totalidade inacabada. O que nos resta é projetar o nosso existir inseridos em uma contínua liberdade diante das possibilidades da própria realidade humana repleta de contingências e facticidades.

---

<sup>80</sup> **BORNHEIM, Gerd**, Sartre, Metafísica e Existencialismo, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003, p. 126.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Sartre, a condição da existência do homem se dá na sua liberdade, ou melhor, o homem está condenado à liberdade. Ao nascer não se está definido, não se tem uma essência predeterminada, somos o nada ou a negatividade no coração da natureza. Por não ser livre para ser em-si, o homem é projeto, um lançar-se para fora de si, pois está em suas mãos aquilo que fará de si mesmo. Somos lançados no mundo que já está em andamento e se tem que lidar com isso. Mesmo que não se deseje exercer a liberdade, renunciar a agir também é uma escolha, pois ela (a liberdade) é a nossa condição, e isso nos proporciona a angústia de ter que decidir sem saber se as coisas darão certo. Mas a angústia faz parte da existência humana, como uma crise de consciência, em razão do peso das escolhas que se faz. A angústia, apesar de ter um sentido negativo, é natural ao ser-para-si. Quando tenta-se negar a angústia estar-se- a agindo de má fé. Para negar a responsabilidade diante das escolhas, desenvolve-se uma espécie de fingimento para escapar ou fugir do compromisso.

Em Sartre, não existe uma ética pré-definida, por isso precisa-se sempre inventar uma moral, pois cada decisão é única, mesmo que outras pessoas tenham passado pela mesma situação, para o homem, a sua decisão está em jogo. Porém, ao decidir por uma ação determinada, implica-se na relação com o outro, pois a ação individual carrega em si mesma um valor universal.

Existir é angustiante. Afinal, quem somos? Existir encontra-se entre o mecanismo da angústia de ter de se responsabilizar ou de fingir ao exercer a má fé. Essa busca de compreender a realidade humana se dá relacionada com a situação histórica de cada indivíduo.

A literatura aparece como uma atividade importante na própria construção da existência humana, pois através dela é possível ao homem exercer a sua liberdade no sentido de promover o desvelamento do mundo pelo via da comunicação entre os homens. O homem pode despertar-se, sair de sua alienação e dar significação pelo ato da leitura. Através da leitura, o homem empreende o exercício reflexivo no sentido do desvelamento da realidade a partir da percepção de escolhas éticas para suas ações.

A obra “*Que é literatura*” que serviu como base de fundamentação teórica para a construção do primeiro capítulo deste trabalho, nos revelou que o tema da literatura é a narrativa de personagens que refletem o drama da existência. O homem é lançado no mundo

que está em movimento e mesmo assim conta com a história no seu desenrolar. A literatura possibilita a tomada de consciência de cada para-si a se posicionar para agir de forma responsável. Em outras palavras, a pré-reflexividade dos personagens literários proporciona, se não exige, a reflexão do leitor que tira conclusões importantes a partir de sua leitura e de seu modo de agir no mundo.

A arte da prosa é o caminho a ser percorrido por meio do ato de comunicar e possibilitar ao leitor desvelar, enxergar a si próprio, o outro e o mundo, e também provocar o seu posicionamento para transformá-lo. Sartre desmitifica a literatura, tornando-a mais um ofício, cuja peculiaridade é o lidar com a linguagem humana. Cai por terra, então, o mito burguês segundo o qual a literatura, ou a arte em geral, é uma forma de expressão elevada destinada a seres especiais ou privilegiados por Deus ou pela natureza.

Sendo a literatura um ato, é preciso avaliar as condições históricas que leve em conta sua produção (quem é o escritor?) e leitura (quem é o leitor?). O escritor precisa do leitor, pois é por meio desse que a obra ganha sentido e plenitude. O leitor procura o autor, pois em seus pensamentos encontra-se representado. No pensamento sartriano, literatura e filosofia estabelecem uma relação de comunicação a qual pode-se dizer que são vizinhas comunicantes. Literatura e filosofia são autossuficientes, uma não é superior a outra. Mas elas mantêm um elo de comunicação, pois compartilham o mesmo objeto. Ambas procuram descrever o homem em seu existir. A literatura apresenta o que o homem faz de modo imediato e pré-reflexivo. A filosofia, a partir dos seus conceitos busca a apreensão do que o homem é. E nesse processo de comunicação se faz presente a própria busca de compreender a realidade humana assumindo a responsabilidade por meio do engajamento das nossas ações.

A filosofia sartriana, ao se propor existencialista, reclama à literatura seu poder de retratar o indivíduo em sua subjetividade e temporalidade. A literatura adquire um papel fundamental não só no desvelamento das ambiguidades humanas, mas, também para que se possa entender o que é a própria filosofia para Sartre.

Para Sartre, a literatura redescobre a sua função na sociedade quando a percepção da realidade passa a ser constituída pela consciência da historicidade. Isso significa um mergulho na atualidade. A prática literária é entendida como uma ação na história. A tarefa ética da literatura é construir a mediação necessária para que o homem tome consciência de sua alienação. Em Sartre, escrever é agir, devem-se comprometer com uma ação social concreta e prática, não se limitando apenas a uma atitude de contemplação do mundo. Daí a necessidade do agir humano em sentido engajado.

É no sentido do comprometimento com o mundo, com a responsabilidade das escolhas, com o reconhecimento de que cada ato significa uma imersão no mundo que se pode entender o engajamento sartriano. O engajamento deve estar presente em cada ato, em cada palavra dita, em cada silêncio. A prosa é engajada por mostrar a responsabilidade de todos, por fazer com que os leitores não possam mais fingir que ignoram o que fazem.

O engajamento a que Sartre se refere só é compreendido na medida em perceber que a finalidade da escrita é a comunicação. Assim, na prosa e pela prosa, o escritor fornece a imagem crítica da sociedade que o lê, e por isso o engajamento sartriano só pode ser entendido na concretude histórica em que o homem se situa. A prosa engajada consiste nessa compreensão da ordem humana, no desvelamento da realidade por meio das ações humanas.

Uma vez que também não se está sozinho no mundo, estamos inseridos e situados historicamente. Cada indivíduo tem uma história individual que se dá inserido dentro da história geral. Nesse sentido, a compreensão de como cada sujeito constitui sua história ao mesmo tempo em que é constituído por ela, revela que o homem faz a história que o faz. A história se apresenta ao homem como os limites e as possibilidades de sua liberdade. Os limites estabelecidos pela história por meio dos fatos históricos surgem como adversidades, obstáculos que se tem que enfrentar nas escolhas. No entanto, a história também se apresenta como as possibilidades para as escolhas e do sentido que vai se atribuir aos fatos históricos no ato de escolher e como vai se posicionar diante desses fatos.

Contudo, em um viés sartriano, como não há respostas prontas em termos de essência, cabe ao homem exercer sua liberdade o tempo todo. Por isso vive-se inserido em um processo de transformação na tentativa de colocar em prática um projeto original de sentido.

O sentido ético da filosofia de Sartre é evidente ao colocar no centro de suas preocupações a forma como a existência é construída a partir da categoria da ação. É a partir da obra “*O ser e o nada*” que utilizou-se como base para a construção do segundo capítulo, que a má fé aparece como a atitude daqueles que, renunciando a própria liberdade, assumem um papel pronto na sociedade. Não são sujeitos autênticos, mas mascaram a própria vida, agindo por conveniência e fingimento. O indivíduo utiliza-se da má-fé para fugir do sentimento da angústia presente na consciência de ser livre. Diante da angústia, procura-se encobertar o seu agir. Ao assumir a angústia, a consciência assume a sua liberdade em situação. Ao mascará-la, a consciência faz um esforço para fingir a si e a outrem e, portanto, tem implicações não apenas para consigo. O sujeito envolvido pela má-fé não tem apenas sua visão de mundo, mas seu próprio viver é comprometido pelo equívoco.

A má-fé é caracterizada como uma conduta de fuga, uma válvula de escape que o indivíduo utiliza para fugir da sua angústia, isto é, a preocupação de fracassar que aparece quando o sujeito toma consciência de sua liberdade. Nesse sentido, nega-se a liberdade absoluta preferindo comportar-se como um objeto, como coisa. A má-fé consiste em negar que o seu ser esteja sempre em questão. O para-si nega o seu nada constitutivo, a sua abertura as possibilidades e se determina na fixação fictícia de uma possibilidade fazendo da situação um estado.

No entanto, é na construção do projeto de se fazer homem que os valores éticos devem nortear as escolhas, com isso, a busca deve ser pela autenticidade de nossas ações. O homem, em sua condição de existir, se faz livre e não deve romper com esse comprometimento, pois não há essência ou natureza sobre a qual se possa responder a pergunta: o que é o homem? O que se tem é uma existência modulada pela historicidade. Todavia, a resposta permanece em aberto, afinal, o homem é o ser pelo qual o próprio ser está em questão e se faz como totalidade inacabada. Todavia, se existi enquanto ator, atuando em diversos papéis e convivendo com nossa angustiante liberdade.

Buscou-se neste trabalho analisar no pensamento sartriano a descrição do engajamento ético a fim de compreender a realidade humana. Ao mesmo tempo, a compreensão da má-fé revela-se como possibilidade de mascaramento da consciência. O que resta, se se aceitar as considerações de Sartre tratadas na interpretação deste trabalho, sobre o homem, é que somos um para-si, um projeto a realizar-se, uma falta que nunca será preenchida, um porvir a construir-se, exigindo-se a responsabilidade diante da angustiante situação total liberdade de existir.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah, *Que é liberdade? Entre o passado e o futuro*, 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BORNHEIM, Gerd, *Sartre, Metafísica e Existencialismo*, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- CASTRO, Fábio Caprio Leite de. *A ética de Sartre*, São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- CASTRO, Fábio Caprio Leite de. *Consequências morais do conceito de má-fé em Jean Paul-Sartre*. Tese de Mestrado, Porto Alegre, PUC-RS, 2005.
- DA SILVA, Luciano D., *Existencialismo e Marxismo: A filosofia de Sartre entre a liberdade e a História*. Tese de Doutorado, São Carlos, UFSCar, 2006.
- DENIS, Benoit. *Literatura e Engajamento de Pascal a Sartre*, Bauru, Edusc, 2002.
- FIGURELLI, Roberto, “Sartre e a Literatura Engajada”, *Revista Letras*, Curitiba, n.36, 1987.
- FONTANA, Josep, *A história dos homens*, Bauru: EDUSC, 2004.
- HEIDEGGER, Martin, *Ser e Tempo*, Petrópolis, Vozes, 2002.
- HUSSERL, Edmund *Lições para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.
- KANT, Emmanuel, *Crítica da Faculdade do Juízo*, Tradução de Valério Rohden. In: *O Belo Autônomo*. Organização e seleção de Rodrigo Duarte, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- KANT, Emmanuel, *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio sobre as doenças mentais*, 2 ed. Tradução de Vinicius de Figueiredo. Campinas: Papirus, 1993.
- NOUDELDMANN, François, et GILLES, Philippe, *Dictionnaire Sartre*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 2004.
- PERDIGÃO, Paulo, *Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre*, Porto Alegre, L&PM, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul, *A náusea*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.
- SARTRE, Jean-Paul, *As Palavras*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SARTRE, Jean-Paul, *L'Être et le Néant – Essai d'Ontologie Phénoménologique*, Paris, ed. Gallimard, 1953.
- SARTRE, Jean-Paul, *O existencialismo é um humanismo*. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultura, Os Pensadores, 1987.
- SARTRE, Jean-Paul, *O ser e o nada*. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001.

- SARTRE, Jean-Paul, *Que é Literatura?*, Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Ática, 1993.
- SARTRE, Jean-Paul, *Questão de Método*. Tradução de Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SASS, Simeão Donizete, *A noção de compreensão na filosofia de Sartre*, Sapere Aude, Belo Horizonte, v. 5, n.10, p. 223-240 – 2º semestre 2014.
- SILVA, Franklin Leopoldo e, *Ética e Literatura em Sartre: Ensaio introdutório*, Biblioteca de Filosofia, direção de Marilena Chauí, Editora UNESP, 2003.
- SILVA, Franklin Leopoldo e, *Literatura, Ética e Política em Sartre*. Limiar. Volume 1, 2013.
- SILVA, Franklin Leopoldo e, “*Metafísica e História no Romance de Sartre*”. Revista Cult, maio 2000.
- SILVA, Franklin Leopoldo e, *Tempo: experiência e pensamento*. Revista USP. São Paulo, n. 81, p. 6-17, março/maio 2009.
- SILVA, Franklin Leopoldo e, *Para a compreensão da história em Sartre*. Tempo da Ciência, n.22, p. 25-37, 2º semestre 2004.
- SOUZA, Thana Mara de, *Sartre e a Literatura Engajada*, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.